

GAZETA MEDICA DA BAHIA

DIRECTOR EFFECTIVO
Prof. Dr. ARISTIDES NOVIS

REDACÇÃO

GONÇALO MONIZ, GARCEZ FROES, CAIO MOURA, PRADO
VALLADARES, MARTAGÃO GESTEIRA, CESARIO DE ANDRADE,
FERNANDO LUZ, FLAVIANO SILVA, OCTAVIO TORRES,
ARMANDO TAVARES.

Professores da Faculdade de Medicina

REDACTOR-SECRETARIO

Dr. JOSÉ JULIO DE CALASANS
Docente livre de Clinica Psychiátrica na Faculdade de Medicina

VOLUME 62

Ns. 7 e 8 Janeiro-Fevereiro de 1932.

BAHIA
ESTABELECIMENTO DOS DOIS MUNDOS
25, Rua. Conselheiro Saraiva, 25

1932

SUMMARIO

A PSYCHOLOGIA DA PROVA TESTEMUNHAL—pelo Dr. Demetrio Tourinho.....	Pag. 275
CONTRIBUIÇÃO DE LAVERAN, MANSON, ROSS E GRASSI, AO CONHECIMENTO DA ETIOLOGIA E DA TRANSMISSÃO DA MALARIA — pelo Dr. Heitor Prager Fróes.....	" 285
UM CASO DE DEMENCIA PRECOCE—pelo Dr. Ma- galhães Netto.....	" 313
IN MEMORIAM—Prof. Egas Moniz Barreto de Aragão — Conferencia pronunciada pelo Prof. Aristides Novis, perante a «Socieda- de Academica Alfredo Britto».....	" 321
LIVROS NOVOS.....	" 345
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.....	" 349

ASSIGNATURAS

Pagamento adiantado

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL
Por um anno . . 20\$000	Por um anno . . 25\$000
Por seis mezes . 12\$000	Por seis mezes . 15\$000

Numero avulso 2\$000

A redacção não se responsabiliza pelos artigos assignados.
Unico agente para a França—*Société Fermière des Annuaire*
53 Rue Lafayette—PARIS.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
PRAÇA CASTRO ALVES (Edifício d'A. Tardet)

Sala 215 (2.º andar)

BAHIA

GAZETA MEDICA DA BAHIA

FUNDADA EM 1886

Vol. LXII Janeiro e Fevereiro de 1932 Ns. 7 e 8

A PSYCHOLOGIA DA PROVA TESTEMUNHAL

PELO

Dr. Demetrio Tourinho

Professor de Direito Judiciário Penal na Faculdade de Direito da Bahia

I

A prova testemunhal que, desde tempo remoto, constituiu o elemento de maior importancia na instrução criminal, concorrendo poderosamente para a formação da opinião publica e da convicção dos magistrados, tem, hoje, um valor relativo diante das investigações modernas feitas pela psychologia.

São multiplas e complexas as causas que concorrem para os erros e inexactidões dos testemunhos, e pela observação e pela experiencia é que são ellas apuradas.

Deve o direito a BERNHEIM e a LIÉGEOIS a applicação do methodo experimental á «sciencia dos testemunhos». BINET, a quem os francezes pretendem dar esta gloria, e STERN alargaram o campo das experiencias, affirmando o primeiro delles que «na pratica judiciaria commum pode uma testemunha reproduzir o que estiver no pensamento do seu in-

queridor, sem haver por parte deste intenção de suggestionar, nem manobras hypnoticas». (1)

Depois delles, o campo foi desbravado por experimentadores do vulto e da notabilidade de WRESCHNER, LIPMANN, BORST, WEBER, LOBSIEN, GLOS, PLACZEK, HANS GROSS, RIBOT, REISS, CLAPARÈDE, LOCARD, FIORE, RAUSCHBURG, OTTOLENGHI, PICARD, ALBERTO PESSOA, EVARISTO DE MORAES e tantos outros.

Não é nosso objectivo aqui tratar das causas que dão logar aos depoimentos *falsos*, feitos dolosamente, com intenção de *fraude*, mas das causas que produzem os depoimentos *inexactos* ou «*falsos testemunhos inconscientes*», no dizer de um psychologo, resultantes de circumstancias extranhas á vontade do depoente.

Excluindo a hypothese, aliás muito frequente, dum proposito consciente de mentir, escreve ALBERTO PESSOA, circumstancias individuaes proprias da testemunha podem contribuir poderosamente para a produção de erros mais ou menos graves, evidentemente isentos de má fé.

E quaes são essas causas ?

Os criminalistas e psychologos indicam: a suggestão; os defeitos no mechanismo da attenção; a parencia entre individuos (sosia); o estado d'alma; o cansaço e a fadiga; a debilidade organica; as falhas da memoria; o desconhecimento dos significados das palavras; as doenças mentaes (estados pathologicos) não percebidas pelo juiz; a rapidez com que se passa o facto observado; o decurso do tempo entre o facto observado e o depoimento, etc.

Estas causas, umas têm origem e se passam no

(1) — «La Suggestibilité».

intimo do individuo, são *internas* ou *endogenas*; outras se desenvolvem fóra da constituição psychica do individuo, são *externas* ou *exogenas*.

Neste ligeiro estudo trataremos das tres causas primeiras: a *sugestão*, a *atenção* e a *parecencia* (*sosia*).

A) SUGGESTÃO:

A *sugestão* de que aqui se cogita é a *moral* e não a *sugestão hypnotica*, ou o *sonambulismo provocado*, mesmo porque, na opinião dos sectarios da escola de SALPÊTRIÈRE, o hypnotismo não passa das experiencias de gabinete. O hypnotizado somente obedece ao hypnotizador em actos insignificantes e que estejam de accordo com o caracter do proprio súcubo.

A *sugestão* domina a prova testemunhal em todos os processos criminaes, nos grandes como nos pequenos, constituindo verdadeiro perigo para a justiça publica. BERNHEIM reconhece esse perigo quando diz que «no falso testemunho inconsciente entra como factor principal o phenomeno da *sugestão*, manifestando-se na ausencia de qualquer manobra hypnotica, em estado de vigilia, agindo em pessoas sans e adultas». (2)

A *sugestão* pode ser *singular* e *collectiva*.

A primeira é a que se dá de individuo para individuo, singularmente. Das conversas de um amigo, de um parente, ou das manobras de um advogado criminal pode resultar um depoimento inexacto, falso inconscientemente, por *sugestão* de factos, de data, de circumstancias, etc.

(2) — «De la Suggestion».

E' tambem suggestão singular a que se exercita sobre o depoente, emanada do proprio juiz instructor da causa.

No curso do processo, observa EVARISTO DE MORAES, firmado na autoridade de REINACH, ha uma *auto-suggestão*, que, desde o inicio, domina o encarregado das diligencias previas ou o juiz instructor.

«A convicção, que se lhe installa no cerebro com a tenacidade empolgante da idea fixa, orienta os interrogatorios, inspira as buscas, fornece explicações para as circumstancias mais inexpressivas, dá vibração e movimento aos factos menos vivos, modalisa, finalmente, o conjuncto de todo trabalho, policial ou judicial. Na origem de gravissimos erros judicarios o que se encontra de mais evidente é essa convicção previa de criminalidade, essa *auto-suggestão*, que monopolisa toda a actividade mental do magistrado e o torna cego ás advertencias da razão e do bom senso». (3)

Essa convicção de previa criminalidade cresce, avoluma-se quando o procedimento judicial é *ex-officio*, isto é, quando o juiz é ao mesmo tempo juiz e parte.

O juiz quando age *ex-officio*, observa PIMENTA BUENO, constitue-se simultaneamente julgador e parte adversa do delinquente. Dahi a *auto-suggestão*.

Os processos BENOIT e DREYFUS são exemplos frisantes do perigo da suggestão do juiz.

O advogado CLÉRY, em um trabalho notavel, conta como, de certa feita, fôra suggestionado por um juiz de instrucção. (4)

(3) — Problemas de Direito Penal e de Psychologia Criminal.

(4) — «Les erreurs judiciaires».

A suggestão *collectiva* emana dos commentarios de rua (*vox populi*) e das noticias de jornaes.

Dado um crime, um acontecimento de causar impressão, escreve TITO LIVIO DE CASTRO, nascem os commentarios de todos os pontos, de todas as especies. Todos quantos se occupam do facto procuram ligar o passado ao presente, descobrir as causas remotas, surprehender a genese do crime; começam por attribuir grande valor a factos passados, minimos, quasi esquecidos; passam a relacional-os com outros não testemunhados pessoalmente, porém referidos por algumas pessoas; acabam preenchendo as lacunas existentes nessa historia provavel com algumas hypotheses mais ou menos verosimeis.

Dentro em pouco, muitas pessoas referem uma scena minuciosa, logica, em perfeito accordo com os documentos positivos; já não se falla no que deve ter succedido, mas no que succedeu e o proprio narrador ou quem o ouve está intimamente convencido de que realmente assim foi. (5)

E' a *vox-populi*, a meretriz das provas, no dizer de PESSINA, exercendo o seu effeito suggestionador.

A suggestão *collectiva* está na razão directa do tempo decorrido entre o facto observado e o depoimento. Emquanto, por um lado, um lapso maior de tempo dá logar a uma mais trabalhada suggestão, por outro os dias que se passam transformam e substituem os productos mentaes.

Por dois modos, pondera FIORE, o tempo opera na memoria da testemunha. Por modo simples e negativo em um lento trabalho psychologico de ador-

(5)—«Allucinações e Illusões».

mecimento, em virtude do qual as imagens mais fracas perdem a côr e desaparecem, as tintas e as particularidades se tenuisam; o tempo é um reagente que absorve as combinações de tons demasiado fortes. Age tambem o tempo em sentido activo, transformando a existente concepção mental naquillo que a testemunha *percebe á sua volta* de referencia ao facto que depoz ou vae depôr. (6)

De facto, durante o tempo decorrido entre a observação e o depoimento, a testemunha conversa sobre o acontecido, ouve as opiniões e os commentarios, lê os relatos dos jornaes e por fim acaba admittindo como seus pontos de vista novos que concorrem para o desvirtuamento daquillo que viu e observou. E' a suggestão do ambiente sobre o individuo.

A suggestão collectiva mais perigosa é a que se origina da *imprensa*.

O *jornal*, com os methodos modernos de *alta-reportagem*, constitúe, no dominio da criminalidade, a força suggestionadora mais efficaz.

Os commentos e as noticias minuciosas que a imprensa diaria regista sobre os factos delictuosos, conduzem o individuo não somente ao depoimento inverídico, mas, principalmente, ao proprio crime.

SCIPIO SIGHELE, tratando da «apothese do delicto», diz que «a imprensa contribue para o augmento dessa orgia desenfreada, descrevendo-a, diffundindo por todos os modos os seus pormenores; mas e peor ainda é que a augmenta sem dar por isso, sendo a autora inconsciente de outros crimes que se commettem por suggestão jornalística». (7)

(6)—Psychologia judiciaria.

(7)—«Litteratura Tragica».

Em seu livro «Crime e loucura», MAUDSLEY ensina: Todo o relato de acção criminosa sugere imitação. O exemplo é contagioso; o pensamento apossa-se do espirito fraco, convertendo-se em uma especie de fatalidade contra a qual toda a lucta é impossivel.

Ahi estão os crimes commettidos por TROPPEMAN, PRANZINI, LEMAITRE, JOSEPH LAPAGE, LECENAIRE, nos quaes a imprensa teve um valor decisivo.

Conta um criminalista que o assassinato de MERCIER, occorrido na França, foi o resultado de um artigo do «Figaro».

O homicidio do Tenente PROPICIO DA FONTOURA pelo Dr. ARTHUR FERREIRA, em meados do anno de 1918, foi tambem o producto de uma suggestão jorna-listica.

E coisa interessante: as testemunhas, que viram e presenciaram o desenrolar do facto criminoso, acabaram, depois do debate apaixonado da imprensa, por entrar nas mais serias divergencias! (8)

Ainda para demonstrar o poder de suggestão da imprensa ha o facto narrado por ALBERTO PESSOA: O pedreiro João BERCHTOLD era accusado de um assassinato. Sem provas sufficientes, o tribunal condemnou o accusado á pena de morte, commutada depois em prisão perpetua. Como, após á descoberta do crime, a autoria tivesse ficado mysteriosa, alguns jornaes de Munich começaram um inquerito. Durante perto de um mez, todos os dias, nos jornaes mais lidos, appareceram artigos sobre o crime. Esta campanha da imprensa levou numerosas pessoas a apre-

(8)—Vide o meu trabalho «A Tragedia do Gastronome».

sentarem-se diante do tribunal como testemunhas, as quaes deram depoimentos os mais contradictorios. (9)

No animo da creança é que a suggestão se desenvolve com mais facilidade.

A creança, por ser extraordinariamente suggestio- navel, admite, quasi sempre, como seus, factos que não passam do producto de uma creação imaginosa.

BINET indica as causas que impellem a creança a mentir inconscientemente: a força da imaginação; o accumulo das imagens; o desejo ingenuo de appa- recer; a fraqueza da attenção; os erros do raciocinio; a ignorancia dos sentidos das palavras e dos signifi- cados das coisas.

A litterarura criminal está cheia de factos impres- sionantes.

O menor MORITZ SCHARF, de 13 annos de idade, accusa, inconscientemente, suggestionado pelo juiz, o seu pae como autor de um assassinato de character religioso, occorrido em Fizza-Ezlar, na Hungria.

MOTET relata a observação de LASÉQUE: Uma cre- ança, tendo faltado á escola, voltou para a casa muito depois da hora habitual. Á sua chegada, a mãe, inquieta, pergunta-lhe de onde ella vem; o pequeno atrapalha-se; a mãe aperta-o com novas perguntas; elle responde *sim* a tudo; lembra-se que o menino podia ter sido victima de um attentado ao pudor, e lançada nesta pista, não se sabe porque, interroga-o neste sentido; prepara sem querer as respostas e, quando o pae chega, é ella que deante da creança conta a historia tal como a tinha imagi- nado. A creança fixa-a; aprende de cór a lição, deixa-se levar á rua Vivienne e, quando ahi lhe perguntam se

(9)—«A prova testemunhal».

conhece a casa para onde a tinha conduzido o tal homem, indica a habitação de um honesto commerciante; e a historia ficou assim completa até o dia em que se reconstituiu a verdade. (10)

A suggestão singular quasi sempre nasce do modo de fazer as perguntas.

O depoimento pode ser colhido pela *narracão* livre, por meio de *perguntas* e *respostas* ou por uma e outra.

STERN divide as perguntas em seis typos:

1.^a)—*Pergunta determinativa*: Qual a côr do cão?

2.^a)—*Pergunta disjunctiva* (disjunção completa):
Havia um cão na estampa?

3.^a)—*Pergunta disjunctiva* (disjunção incompleta):
O cão é castanho ou branco?

4.^a)—*Pergunta expectativa*: Não ha um gato na estampa?

5.^a)—*Pergunta implicativa*: De que côr era o gato?

6.^a)—*Pergunta consecutiva*: São as perguntas destinadas a completar a suggestão de pergunta ou perguntas anteriores. (11)

Ao juiz de instrucção cabe, pois, se conduzir com isenção de animo e prevenção de espirito, por occasião de ouvir testemunhas, afim de que, de suas palavras e de seu proceder, não emane nenhuma suggestão.

Deve ter sempre em mente os ensinamentos e as conclusões dos mestres da psychologia moderna.

LIPMAN:

Na audição de testemunhas é preferivel evitar, tanto quanto possivel, as perguntas.

(10) — Les faux témoignages des enfants devant la justice.

(11) — «Zur Psychologie der Aussage».

Nunca se deve fazer perguntas de suggestão.

Deve afastar-se tudo que fôr produzido pela acção suggestiva da imprensa.

BINET:

Ha perguntas formuladas pelos juizes que constituem «formidables machines á suggestion». Taes perguntas devem sempre ser afastadas.

EDMOND PICARD:

E' preciso circumspecção na inquirição de creanças; uma suggestão pode induzil-as a mentir.

FALCONNET:

O testemunho da creança é perigoso, porque quasi sempre resulta de uma fraqueza cerebral sobreexcitada por circumstancias externas ou por inspirações interessadas (suggestão).

EVARISTO DE MORAES:

O testemunho, mesmo prestado de boa fé, estando, como está, sujeito a erros de toda ordem, não deve ser acceito pelos juizes e pelos tribunaes, como fonte segura e infallivel da certeza.

O testemunho da creança deve ser sempre admittido com muita reserva.

O juiz que assim proceder terá cumprido com dignidade a sua alta e nóbre missão de julgar.

A melhor garantia, na distribuição da justiça, repousa na consciencia do juiz honesto e intelligente.

Continúa.

CONTRIBUIÇÃO DE LAVERAN, MANSON, ROSS E GRASSI
AO CONHECIMENTO DA
ETIOLOGIA E DA TRANSMISSÃO DA MALARIA

(Lição aos alunos da Cadeira de Doenças
Tropicais e Infecciosas, pelo Docente Livre
em exercício Dr. HEITOR PRAGUER FRÓES, em
Junho de 1931).

Meus Senhores:

Em obediência ao programa recentemente aprovado pela Congregação desta Faculdade, e de acôrdo com o que lhes annunciou em sua aula ultima o Cate-drático desta disciplina, vamos iniciar com a presente Lição o estudo especial da *malaria*.

Nenhuma doença existe de tanta importancia e de interesse tamanho para o medico que exerce a actividade clinica em meio tropical, como o nosso.

Talvez a mais bem estudada, desde éras que se perdem na memoria do Tempo encanecido; veterana dentre os morbos que affigem a humanidade sofredora — nem por isso está a *malaria* completamente conhecida em tudo o que lhe diz respeito, em que possa acaso pezar a opinião dos que, ignorando o mundo de problemas que se prendem aos estudos de malariologia, consideram a doença *banal*, perfeita e suficientemente conhecida em suas minucias — no ponto de vista clinico, endemiologico ou profilático — e abandonando a pratica pela teoria estimam coisa resolvida, prestes a se incorporar ao rôl dos fatos

consumados, a sua erradicação definitiva da superficie do orbe!

TERMINOLOGIA E SINONIMIA

Poucas doenças conhecemos que hajam recebido maior copia de denominações, oriundas de analogias e comparações perfeitamente comprehensíveis e relativamente logicas, mas imperfeitas quasi todas quanto á real significação etiologica. Sem referir os multiplos vocabulos que equivalem a outros tantos sinonimos da doença nas principaes linguas estrangeiras, contentamo-nos em lembrar-lhes as expressões — paludismo; sezonismo; impaludismo; sezões; febre palustre, paludica ou paludosa; maleitas; febre intermitente; febre telúrica... e outras que nos não occorre citar no momento.

Não ha muito, em artigo publicado no «Jornal dos Clinicos» sobre «*Malaria, malarioterapia e transfusão de sangue*» (Vid. n. de 15 de Fevereiro de 1931) expendiamos o que vae abaixo transcrito e certo bem representa nossa opinião pessoal no momento presente:

«Ainda que reconhecendo a incorreção e a impropriedade etimologica — por inexatidão etiologica — da palavra *malaria* (do mesmo modo que muitas outras — *impaludismo, paludismo, febre palustre, febre telurica* etc.) e não obstante reconhecermos mais es-correito o termo *sezonismo*, preferimos aquella expressão ás demais, nem só por ser vocabulo utilizado preferentemente a qualquer outro em mais de um idioma (*italiano, inglês, espanhol, alemão, holandês*), como principalmente porque está já ligado a uma serie crecente de compostos, como sejam: *Malariologia, malariograma, malarioterapia* etc. etc».

Diga-se pois *malaria*, e não impaludismo ou sezonismo ou maleita, desde que ninguém fala em *impaludismogramma*, *maleitoterapia*, *sezonismologia* — neologismos esses que certo haveriam de ferir os ouvidos... senão as *orelhas!*

HISTORIA ANTIGA { A DESCOBERTA DO HEMATOZOARIO,
por Laveran.
A «THEORIA DO MOSQUITO» de Patrick Manson.

Ainda que toda razão assista ao opinar de CASTELLANI & CHALMERS quando em seu *manual* (que é antes um *tratado*) afirmam que nenhuma descoberta teve maior influencia nos estudos de medicina tropical do que a do parasita da *malaria*, não nos consente a exiguidade do tempo de que dispomos — moldura excessivamente acanhada para tēla tão demasiadamente ampla — façamos o historico completo, ainda que resumido, da evolução dos estudos de malariologia, desde a antiquidade ao momento presente. Focalizaremos, apenas, no interesse dos ouvintes e de acôrdo com o ponto em explanação, a parte referente á descoberta da etiologia e da transmissão da doença.

Nesta, como em quasi todas as descobertas, houve de certo precusores; e se é por um lado inegavel, e força é reconhecel-o, caber exclusivamente a L-A-V-E-R-A-N a gloria de haver *demonstrado* a natureza parasitaria da *malaria*, fato que o celebrizou em 1880, justo é tambem sejam relembradas as opiniões e as idéas de outros cientistas que previram e admitiram anteriormente (embora o não demonstrassem) a natureza parasitaria da doença em apreço.

... E não se surpreendam os que me ouvem quando lhes afirmar a relação de causa a efeito

que de ha muito vislumbaram povos antigos, alguns de cultura rudimentarissima e civilização quasi nula; entre a febre (contraída nas regiões pantanosas) e os mosquitas (cujos criadouros prosperam nos charcos e pantanos). Citam quasi todos os autores, a esse proposito, o que ocorre em certas tribus incultas do oriente africano, onde o vacabulo *Mbú* designa a febre e *Mbú* egualmente designa o mosquito que a transmite. Não parece tratar-se de simples coincidência, nem é caso singular na literatura medica, na semantica medica, na etimologia medica!

E não é que, segundo *Norris*, acreditavam os Japonezes na influencia dos mosquitos no determinismo das febres malaricas?!

No celebre Museo britanico (British Museum) que contem em suas salas vastas e penumbrosas verdadeiras preciosidades do Oriente e particularmente do Egipto antigo, encontra-se (refere *SAMBON*) uma lamina de argila babilonica em que está esculpido nos caractéres primitivos da escripta cuneiforme o nome temido da «mosca da febre»!

Dessa intuição, dessa crença de que algum papel representariam vectores alados na endemiologia da malaria, partilharam igualmente medicos antigos, de *SUSRUTAS*—o proto-fisiologista, autor do *Ayur Veda*, a *LANCISI* na Itália, e *KING* nos Estados Unidos!

Voltando á questão etiologica, e deixando de parte os argumentos insubsistentes dos adeptos da teoria miasmatica, cumpre referir que os proprios elementos descritos por *LAVERAN* já haviam sido encontrados, mas não identificados como parasitas da malaria, por *MECKEL*, *VIRCHOW* e *FREERICHS*—para mencioná-los em ordem cronologica:

A descoberta de *LAVERAN*, confirmadora do que êle

desde 1878 desconfiára, vae narrada a seguir tal qual a ouviu d'êle proprio o genial e erudito L. W. SAMBON conforme se acha referido no notável e eloquentissimo artigo estampado no n.º de 15 de Junho de 1922 do «The Jrl. of Trop. Med. and Hyg.» e dedicado á memoria de Sir PATRICK MANSON:

«Ouvi o Professor LAVERAN relatar como iniciou suas pesquisas em *Bône*, na *Algeria*, em 1878; como descobriu êle que a causa da málaría era um sêr *ameboide*, parasita das hemacias, que nelas vive como os insêtos que parasitam as cerejas de *Morello*, ingerindo o protoplasma das celulas e produzindo granulos escuros excrementiciais; como, finalmente, em 6 de Novembro de 1880, teve êle motivo para gritar *Eureka!*

Nesse dia memoravel encontrava-se LAVERAN no Hospital Militar de Constantina, a examinar pacientemente o sangue de impaludados. Estava á espreita de certa movimentação *browniana* dos granulos escuros existentes no interior de uma daquelas pequeninas esferas, oriundas de uma célula parasitada e desejava poder convencer aos circumstantes de que esse corpo minusculo—saltitante sob sua objectiva de 1/6 de polegada—movimentava-se e realmente *vivia*, quando êle projetou dois, tres, cinco longos e delgados tentaculos que começaram a nadar furiosamente, abalroando, deslocando e enlaçando as hemacias circumvisinhas...»

Já ninguem agora poderia duvidar, em sã razão, da natureza animada dos corpusculos de LAVERAN (1):
Estava descoberto o parasita da málaría!

(1)—Em seu conhecido «*Traité du Paludisme*», publicado em 1898, narra o proprio LAVERAN, com essa eloquente simplicidade que só os verdadeiro sabios possuem, a orientação de suas pesquisas visando a determinação do verdadeiro parasita da málaría—des-

Não se pense, entretanto, tenham sido logo aceitas as idéas de LAVERAN, muito embora tivesse êle redigido e apresentado á Academia de Medicina de Paris um resumo de seus estudos; a escola italiana, principalmente, demorou em reconhecer a exatidão do fato proclamado e não faltou quem considerasse os «supostos parasitas» descritos por LAVERAN simples «hemacias degeneradas»!

Conhecido o hematozoario, prevista a existencia de especies diferentes do mesmo (com o que, aliás, não concordou LAVERAN), demonstrou GOLGI a especificidade das especies responsaveis pela fórma quartã (*quartana*) e pela terçã benigna (*tertiana*); coube posteriormente a MARCHIAFAVA e a CELLI—tambem ita-

crente que éra êle da pretensa responsabilidade do decantado bacilo de KLEBS e CRUDELI (*bacillus malarie*):

«Foi evidentemente por haver seguido uma orientação diversa—explica despretenciosamente—«que, mais feliz nestas pesquisas do que meus antecessores, consegui descobrir o parasita que é causa dos accidentes da malaria.

«Em 1878, tendo tido oportunidade de realizar em *Bône* varias necroscopias de individuos que haviam sido vitimadas pela malaria perniciosa impressionou-me a verificação de que era a melanemia uma alteração muito especial e caracteristica da malaria.

«Estudando os corpos pigmentados no sangue fresco de malarientos notei que, ao lado dos leucócitos melaniferos, encontravam-se elementos de fórma bastante regular (uns esfericos, outros em fórma de crecente) assaz diferentes dos globulos brancos de sangue; em 6 de Novembro de 1880 verifiquei, em *Constantina*, no sangue; de um paciente, a existencia de corpusculos esfericos pigmentados, de elementos em fórma de crecente e de flagelos muito moveis; desde então não tive mais dúvidas quanto á natureza *animada* dos elementos que desde já algum tempo me haviam despertado a atenção, e descrevi as tres fórmas principais sob as quais se apresenta o hematozoario da malaria: *Corpusculos amiboides, crecentes e flagelos*».

(Op. cit., pags. 44-45).

lianos—a demonstracão da especificidade do parasita da sub-terça (*tropical*). Recorde-se que já desde os tempos de HIPPOCRATES eram descritas e conhecidas a *febre quartã*, a *terça* e a *quotidiana*, a que se encontram referencias constantes na literatura italiana, na prosa e na poesia (1). A maior gravidade da terça maligna (sub-terça), a renitencia desanimadora da quartã—*tutissima*, *placidissima* et *longissima*—estão firmadas em aforismos e em ditados e afirmações populares, desde CELSIUS e mesmo antes d'ele.

A influencia das aguas estagnadas, em que peze a interpretação erronea que se lhe deu, tambem desde longo tempo fôra suspeitada, e desde a época de EMPEDOCLES (como provavelmente na éra das dinastias faraonicas do Egipto,) trabalhos de drenagem se realizaram, com a finalidade evidente de procurar evitar ou atenuar a endemicidade da malaria. E como hesitar em acreditar-o se é da historia que data do tempo de JULIO CEZAR a verificacão de que já os egipcios com o uso do *canopeum* procuravam fazer a profilaxia da doenca, evitando a picada dos mosquitos recalcitrantes?!

Resolvera LAVERAN, o problema etiologico; realmente, porém, continuava a malaria a ceifar vidas, a desolar aldeias campos e cidades; que o digam os romanos que a conheceram de sobra e a tiveram até como aliada, quando se tratava de destruir as hostes inimigas acampadas nas proximidades, sitiando a Cidade Eterna! Mais dificeis de combater que as legiões romanas, enxameavam os anofelinos nos acam-

(1)—CONF. ANNA CELLI-FRAENZEL—«*La febre palustre nella poesia*», Roma 1930.

pamentos do inimigo, trazendo-lhes a doença e a morte, mensageiros que eram da «febris», imperatriz dos pantanos da *Campagna romana*. Mais de uma referência está arquivada na história da civilização quanto ao papel da malária em guerras e batalhas— aliada de homens contra homens, na sua faina habitual de destruição de vidas!

É AFRANIO PEIXOTO quem nos transmite mais dous exemplos, em sua bela conferencia sobre «*A mais bella historia do mundo*»:

«Em 1809 enviaram os Ingêzes ao valle do *Escalda*, no continente, 44.000 homens e 470 velas. Occupado com os Austriacos, Napoleão não se pôde preocupar com os invasores da Flandres. Resolve então associar a malária á sua estratégia. Manda á Monnet que defenda Flessingue, custe o que custar, para deter os Ingêzes na ilha de Walcherem, no Escalda oriental, no canal de Ber-op-Zoom, dizendo: «Basta oppor ao inimigo apenas a febre, que os devorará a todos. Em um mez estarão dizimados e cobertos de vergonha e eu terei poupado um exercito de 80 mil homens, que destino á Austria». Está em Thiers, na «*História do Imperio*».

Assim foi. De 16 a 26 de Agosto, em dez dias, 12.000 homens tinham sido atacados de febre, em muitos de character pernicioso; outros e outros milhares continuaram á cair, até á retirada: morriam tanto que, dos 44 mil, ficaram apenas 24 transportados a Antuerpia para evitar-se a perda total. Uma batalha de 20 mil mortos, sem a perda de um francês, ganha para Napoleão pela malária. Um desastre que os Ingêzes não souberam evitar. E evitavel... se o soubessem...

Um seculo depois, são os Francêses as victimas. Quando foi da conquista de Madagascar, disse á Rainha Ranavalo, ao ser informada da ameaça de occupação militar: «Deixe estar, mandarei contra

elles o General Takô... Takô é o nome da malária, em lingua malgache. E Takô, sózinho, abateu 7.000 em 10.000 francezes invasores...

Como tinham mais gente e lembraram-se que o paludismo é evitavel, venceram por fim Takô, aprisionaram Ranavalo e hoje Madagascar é franceza»...

A «TEORIA DO MOSQUITO»—DE PATRICK MANSON

Não bastava o conhecimento do parasita (com suas tres especies representativas de acôrdo com os *pluvialistas*), nem o da feição clinica da doença, com suas tres fórmulas classicas e suas inumeras modalidades, nem o da existencia de um medicamento que é ainda hoje o especifico por excelencia da malária; urgia fazer alguma cousa mais; tornava-se imprecindivel diminuir a endemicidade da doença prevenindo casos novos, e não somente melhorando ou curando os antigos que vinham sendo successivamente diagnosticados—era necessario descobrir o mecanismo da transmissáo da doença.

Suspeitada, como já vimos, no *Egipto*, e tambem na Africa desde tempos quasi inmemoriais, ninguem ainda formulára sèriamente, e em termos precisos, aquilo a que MANSON (mais tarde Sir PATRICK MANSON) houve por bem denominar a «*Teoria do mosquito*», e que o medico militar RONALD ROSS (depois Sir RONALD ROSS) considerou entusiasticamente—o *Grande Problema*—(the *Great Problem*)!

A theoria de MANSON foi apresentada aos cientistas e encontra-se arquivada desde 1894 nas paginas do *Bristish Medical Journal*. Merecem exame e meditação os fatos que induziram o grande tropicalista a arquitetar a sua *teoria*, inspirada em parte pela

lembrança do que verificára duas décadas antes na *China*, em relação á transmissão da filariose de BANCROFT e WUCHERER; certo desde cêdo ferira a atenção de MANSON a analogia de uma e outra doença quanto á necessidade de um hospedador intermediario, provavelmente alado em relação á malária (demonstradamente um mosquito quanto á filariose)—que fosse capaz de permitir a realização do ciclo evolutivo completo do parasita; foi a nosso vêr a verificação de que só depois de retirado o sangue do doente se dava a emissão de flagelos, fase essa obrigatoria por assim dizer na evolução do plasmodio, que robusteceu no espirito de MANSON a idéa da existencia de um vector, provavelmente alado e possivelmente um mosquito, dada a relação entre a epidemiologia da malária e a existencia de regiões pantanosas, dada a distribuição geographica da doença, dada a coincidência entre os surtos malaricos e as oscilações estacionaes do indice de mosquitos, principalmente condicionadas pela natureza do sólo, pelas chuvas e pela temperatura.

A relação de causa a efeito, já de longa data suspeitada entre a existencia de regiões pantanosas e a endemicidade da malária, foi de certo corretamente interpretada por MANSON, embora não tivesse êle incriminado como provaveis hospedadores intermediarios do parasita uma determinada familia de um genero determinado de mosquitos; acreditava MANSON, talvez, que os mosquitos depois de infestados cahissem nagua e ali morressem, dando-se a infestação com a agua ingerida — verdadeiro caldo de hematozoarios (!); é o que se lê claramente no interessantissimo livro de DE KRUIF — «*Microbe Hunters*» — em que é descrita uma conversa entre MANSON e ROSS (este

ultimo prestes a partir para a India) ao decerem ambos, a pé, a conhecida *Oxford Street*:

«Você sabe, Ross, eu arquitetei a teoria de que os mosquitos transmitem a malária...!» ROSS ouviu impassível. Então o velho medico de SHANGAI deramou sobre o medico jovem cujas mãos seriam por elle orientadas a sua teoria fantasista: «Os mosquitos sugam o sangue das pessoas atacadas de malária... esse sangue contém *crecetes*... estes, chegando ao estomago do inséto, emitem os *flagélos*... movimentam-se os flagélos livremente e penetram na carcassa do mosquito, tomando uma forma analogá dos espóros do bacilo do carbunculo... Morrem os mosquitos, cáem n'agua... e a gente bebe uma *sopa* de mosquitos mortos...»

RONALD ROSS, que conseguira ser destacado para o serviço colonial na *India*, não era então absolutamente conhecido; seus conhecimentos parasitologicos e entomologicos eram pouco menos que mediocres, pois êle nada sabia sobre mosquitos e nunca tivera ocasião de vêr um hematozoario ao microscopio! Encarregou-se MANSON de instruí-lo nesse particular, inculcando-lhe as noções indispensaveis aos estudos e investigações que êle deveria fazer na India; este interesse de MANSON pelo jovem RONALD ROSS tem explicação muito facil: E' que MANSON estava em Londres—*onde não havia malária nem mosquitos*; Ross ia para a Inda, onde todos os annos morriam (e morrem ainda hoje) milhares e milhares de pessoas, victimas da malária! Velho, cansado, gozoso — não poderia MANSON seguir viagem para fazer pessoalmente a demonstração da «teoria». A intelligencia investigadora de MANSON, disciplinada pelo estudo metódico e pela experiencia anteriormente adquirida; o entu-

siasmo instavel e a fervorosa atividade indisciplinada de RONALD ROSS—reproduzindo a aliança da parabolha de FLORIAN—iam permitir a essa sinbiose de individuos tão diferentes a realizaçãõ daquilo que nenhum dêles poderia sosinho conseguir!

Seguiu ROSS para a *India*, e o espirito investigador de MANSON deixou tambem a Inglaterra e partiu com êle! Foi o cerebro de MANSON, em todo esse longo periodo de pesquisa entusiastica, interrompido por espaçõs varios de apatía ou desanimõ, a busola orientadora da atividade desigual de Ross, preocupado este em encontrar malariantos, mosquitos e hematozoarios... que lhe permitissem soluçionar «*The Great Problem*»⁽¹⁾!

Os primeiros tempos da estadía de Ross na India não pareciam vaticinar o esperado exito de suas pesquisas. Não fazia ROSS exceçãõ nem era diferente da maior parte dos homens que, segundo o ditado, *de medico, poeta e louco... têm todos um pouco!* Mas sua *mania* de furar os dêdos de todo mundo á procura de parasitas da malaria, tornaram-no temido pelos hindús e indesejado pelos proprios Colegas... que não acreditavam no hematozoario... quanto mais na teoria do mosquito!

Antipativado pelos primeiros, ridiculizado pelos ultimos, nem da parte dos mosquitos encontrou RONALD ROSS *bõa vontade* para a demonstraçãõ da

(1)—Educado na escola da proibidade científica timbrõu RONALD ROSS, mais do que qualquer outro, em frizar e reconhecer a acendencia proveitosa de Sir PATRICK MANSON, na orientaçãõ de suas pesquisas:

«*I would refer to Sir PATRICK MANSON, from first to mylast sponsor, and the man who put me on to the right trail*»...

In «*The Jrl. of Tropical Med. and Hyg.*», n. de 15—VI—927. p.163).

theoria de MANSON, pois deixava-os picar malarientos declarados, com o sangue preñado de parasitos... e elles *não se infestavam*; até os proprios hematozoarios, parecia, tambem haviam feito *grêve*, pois desejando convencer aos colégas da verdade demonstrada por LAVERAN, não havia meio de encontrá-los ao exame microscópico no mesmo individuo em que pouco antes os observara em grande numero!

Outro qualquer teria desanimado... e ROSS mais facilmente que qualquer outro, não fôra o amparo moral e científico de MANSON, bússula a orientá-lo no caminho tortuoso e difficil da grande descoberta!

Continuou, assim, RONALD ROSS a dissecar dezenas e dezenas de mosquitos... sem o menor resultado positivo... porque (hoje o sabemos) não se tratava de anofelinos! De qualquer modo, á medida que passava o tempo e os dedos dos pobres hindús iam sendo picados pelo infatigavel pesquisador (por êles mais temido, em sua explicavel ignorancia, que os proprios mosquitos... talvez menos *sanguinarios*) ia ROSS adquirindo inegavelmente grande pratica no estudo parasitologico dos hematozoarios. E' o autor dos «*Microbe hunters*» que nos refere o entusiasmo, talvez excessivo, de ROSS ao vêr pela vez primeira a actividade dos flagellos emitidos pelos microgametocitos, a transitarem doidamente por entre as hemacias, como que em busca do elemento sexuado feminino:

«Elle (ROSS tratava o flagélo como se fosse uma pessoa) agarrou o fagocito pelas costélas e por outras partes do corpo até que por fim voltou-se este... e saiu a correr... Foi uma cousa admiravel o combate do flagélo com o fagocito...»!

Assim teria escrito RONALD ROSS a PATRICK MANSON; de vez em quando chegava um conselho,

uma sugestão do segundo; a toda hora seguiam cartas e consultas do primeiro... e o cerebro do velho medico ponderado continuou a orientar, por entre dificuldades de toda ordem, a atividade irrequieta e entusiastica do moço!

Tentou ROSS sem resultado a transmissão da doença por outros insetos, bem como a infestação de individuos sãos fazendo-os ingerir agua contendo ovos depositos por femeas de mosquitos infectados.

Transferido inesperadamente, por ordem superior, para uma outra cidade onde o mal gástrico — o terrivel cólera-morbus — explodira com violencia, pouco se preocupou, segundo refere DE KRUIF, com os vibrões impiedosos, indiferente a tudo que não fosse malaria e mosquito!

Novamente transferido, dous annos após, para onde havia mosquitos e malaria, pôde RONALD ROSS proseguir nas suas experiencias para a solução do «*Great Problem*» tendo ainda a felicidade de encontrar uma *co-baia* excelente na pessoa de MOHAMED BUX, seu auxiliar de laboratorio, cujo defeito unico era uma irresistivel paixão pelo «fumo indiano». Graças ao fiel hindú foi assegurada aos mosquitos alimentação certa e garantida, mediante uma pequena gratificação... por cada picada de mosquito! E foi justamente num mosquito pardacento que se alimentara a expensas de ROSS com o sangue do mahometano, que descobriu o amigo de MANSON, elementos esfericos contendo corpusculos pequeninissimos e escuros, semelhantes ao pigmento que êle observara nos globulos parasitados do proprio *animal de experiencia*. Raciocinou então: Si de fato esses corpos esfericos representam um fase evolutiva do plasmodio são elementos vivos que hão de crescer e transformar-se (Nesse

raciocinio, justiça seja feita, não interveio o cerebro de MANSON!). A dissecção do ultimo mosquito que picára MOHAMED BUX plenamente confirmou essa logica suposição—o que foi logo comunicado a MANSON e inspirou a ROSS uma poesia épica!

Em que peze o enthusiasmo de RONALD ROSS, a teoria do mosquito não se poderia considerar ainda demonstrada; a solução de «Grande Problema estava a depender de mais amplas e completas investigações... Mas, oh desgraça! justamente nessa época foi ROSS transferido para um logar em que não havia «*broton mosquitos*» e onde escasseavam ou inexístiam doentes de malaria. Os revezes do Destino, as transferencias impossiveis de prever e de evitar (mão grado a simpatía do General HARVEY, chefe da missão medica na India), e que mais uma vez lhe prejudicavam a marcha das investigações, a má vontade dos colegas de e superiores hierarquicos de quem dependia o prolongamento de seu estagio em determinada cidade,—fizeram com que não fosse possivel a continuação das experiencias de transmissão entre o mosquito e o homem.

ROSS desanimára... mas lá em *Londres* um cerebro trabalhava, e desse cerebro privilegiado jorrou mais uma vez a luz orientadora. Passou assim RONALD ROSS a estudar a malaria das aves... que tambem têm como se sabe os seus hematozoarios (*halteridium* dos pombos, *proteozoma* dos pardais).

Observou desde logo que em vez do mosquito pardo era um mosquito cinzento (*culex*) o mais frequente no local, e depois que alguns desses mosquitos, deixados propositadamente ao alcance de uma gaiola de pardais, sugaram o sangue destes... foi encontrar RONALD ROSS, ao examinar o estomago

dos inséto, os mesmos elementos esfericos que antes observara no sangue de MOHAMED BUX, e no estomago do mosquito pardo! «Estamos em bom caminho!»—haveria de ter pensado com os proprios *botões* o nosso pesquisador; e logo levou a efeito nova experiencia, desta vez probante, verdadeiramente decisiva: Tres pardais fôram colocados em gaiolas á prova de mosquito; o sangue do primeiro continha poucos hematozoarios; o do segundo estava cheio dêles; mas o terceiro dos tres se encontrava perfeitamente são, conforme pôde ser cuidadosamente verificado. Um punhado de mosquitos não *contaminados* foi posto em contacto com as avesinhas, e quando ROSS nervoso e esperançado começou a dissecá-los em dias seguidos, pôde observar que os inséto alimentados com o sangue do pardal mais doente estavam cheios de esferas pigmentadas... ao passo que os que haviam sugado a avesinha menos doente os continham em pequena quantidade; quanto aos que haviam picado o pardal são, nada absolutamente apresentavam de anormal! Acompanhando a evolução dessas esferas pigmentadas (*oocistos*) viu-as crescer e dilatarem-se (*esporocistos*), notou que no interior das mesmas havia um processo de ativa e numerosa divisão do conteúdo, e um bello dia, com enorme prazer e verdadeiro enthusiasmo, percebeu que a esfera rebentava e dela se originava uma multidão de elementos delegados e afilados que derramados ou disseminados pelo corpo todo do mosquito acumulavam-se de preferencia nas glandulas salivares... «Agora já não pôde mais haver duvida», teria ROSS raciocinado—e escreveu a MANSON um relato minucioso e fiel... para que velho cientista fosse sabedor de como ficára provada a *teoria do mosquito*. Ora, evidentemente, esse tropismo

especial que encaminhava para as glandulas salivares as brigadas dos delgados parasitas (*esporozoitos*) haveria certo de insinuar ao espirito incontestavelmente lucido e inteligente de Ross que, acumulados assim numerosos na circumvisinhança da trompa do inseto, apenas o comprimento desta os haveria de separar, no momento da picada, do sangue do animal ou do homem aguilhoado. Esta ultima parte, porém, não estava ainda demonstrada. Sem perda de tempo, fôram expostos pardais indênes á sanha de mosquitos infestados, e dias após — dias de espera impaciente, febril, torturante — verificou que as aves tinham o sangue cheio de parasitas!

Agora, sim: Estava firmado e perfeitamente demonstrado que os mosquitos são capazes de transmitir o hematozoario, de um animal a outro, haurindo os parasitas ao alimentat-se com o sangue de individuos sãos! Gegeram os cabos telegraphicos; exultou PATRICK MANSON: «A teoria do mosquito» estava afual demonstrada!

Justamente por aquelles dias realizava-se na Escossia uma importante reunião da *Sociedade Medica Britanica* (*British Medical Ass.*), e o velho PATRICK MANSON — gripado, mas feliz; gotôso, mas contente — partiu para Edimburgo, afim de referir ao mundo scientifico ali representado, como na India o Major RONALD ROSS havia demonstrado que os mosquitos transmitem a malária.

E' SAMBON (que acompanhou o mestre nessa viagem) quem melhor a descreve, minuciosamente:

«Quando chegámos, sentia-se MANSON tão incomodado que teve que ficar de cama, sem poder mexer-se, de maneira que fui eu quem apresentou a comunicação que lhe fôra solicitada sobre a teoria

do mosquito como transmissôr da malária. Na manhã seguinte, ainda doente, compareceu MANSON á sessão, auxiliado por nós. Foi um dia grande para ROSS, ausente, e nós o festejamos com entusiasmo. Foi um dia de graças e de regosijo para todo mundo, porquanto com o estabelecimento da teoria do mosquito tornava-se evitavel um dos maiores e dos mais sérios flagélos. Foi tambem um dia de triumpho para MANSON, mas *êle nada referiu* quanto ao papel importante que representára na descoberta!»

Mais feliz que tantos outros bemfeitores da humanidade, teve RONALD ROSS a ventura de receber ainda em vida, o testemunho da gratidão de seus semelhantes. Foi em CALCUTÁ, ha quatro anos passados nos primeiros dias de Junho de 1927, que o Governador da Provincia de Bengala — Lord LYTTON—inaugurou solenemente e na presença do hoje celebre pesquisador (1), o portico comemorativo da sua descoberta!

Em uma das faces do monumento, erguido significativamente nas proximidades do modesto Laboratorio de RONALD ROSS, encontra-se gravada a effigie do pesquisador; foi inscrito, na outra, em caractéres incisivos,—como que a desafiar a ação destruidora do Tempo e o esquecimento irreverente do Homem — um trecho do inspirado poema de RONALD ROSS-poeta celebrando o feliz achado de RONALD ROSS-cientista:

(1)—A emoção de SIR RONALD ROSS, ante consagração tamanha, está bem traduzida nestas duas frases de seu discurso de agradecimento: «*I can only say that this is the proudest moment of my life...*» «*I feel that I ought to be dead...*»!

This day relenting God
 Hath placed within my hand
 A wondrous thing, and God
 Be praised, at His command,
 Seeking His secret deeds
 With tears and toiling breath
 I find thy cunning seeds,
 O million-murdering Death!
 I know this little thing
 A myriad men will save.
 O death! where is thy sting,
 Thy victory, O Grave?» (1)

* * *

Ante o espirito vibrátil e entusiasta do grande RONALD ROSS, ficára a questão definitivamente resolvida; mas ao espirito altamente ponderado e á mentalidade disciplinada de MANSON afigurava-se a teoria ainda passível de objecções, a exigirem a realização de experiencias complementares.

Quem poderia, de facto, garantir que a transmissão da doença do homem se realizaria de maneira iden-

(1) Em sua sabedoria,
 A Divindade bondosa
 Confiou-me nesse dia
 Uma missão primorosa

* * *

Morte assassina! Amparado
 Pela vontade Divina
 Teu segredo, emocionado
 Guardei na minha retina!

* * *

Desta singéla noção
 Promanará Vida e Gloria...
 Oh! Morte, onde o teu *ferrão*?
 Tumba! onde a tua vitória?

tifica á que ROSS evidenciára, em relação á malária dos passaros? Haveriam os hematozoarios humanos de se comportar de maneira analoga á dos hematozoarios dos pardais? Esta segunda duvida poderia ser immediatamente respondida pela afirmativa — já ROSS o havia demonstrado, analogicamente; quanto á primeira objecção só factos poderiam responder, resolvendo o problema de modo absoluto e definitivo. ... Mas para ROSS já não havia mais duvidas, estava tudo muito claro; o que verificára em relação á malária das aves tambem valia para a malária humana... e desinteressou-se da questão (pelo menos aparentemente).

BAPTISTA GRASSI «E OS ZANZARONI»

Nessa época, pouco mais ou menos, o orgulho inglês e o bairrismo italiano viram-se preocupados com uma séria ameaça: E' que um conhecido pesquisador «tedesco» de nome ROBERT KOCH (celebre pela descoberta do bacilo que lhe tomou o cognome, bem como por outros estudos mais) tambem se interessava pela solução definitiva do problema, e viajára para a Italia afim de ali verificar o papel do mosquito na transmissão da malária de homem a homem. Falhou, porém, o frio e meticoloso ROBERT KOCH, provavelmente por não ter feito suas experiencias utilizando-se de femeas de mosquitos anofelinos... e a ciencia Italiana, representada por BAPTISTA GRASSI, entrou em campo para a solução do problema. Calmo e metódico, ponderado e culto, pôde o experimentalista italiano — já conhecido como zoólogo dos mais eminentes — concluir com segurança a demonstração completa da teoria do mosquito,

imaginada por MANSON, iniciada e quasi completamente demonstrada pelo jovem RONALD ROSS, infrutiferamente trabalhada pelo celebre ROBERT KOCH!

O perfil de BAPTISTA GRASSI foi traçado em quatro pinceladas pelo espirituoso autor dos «*Caçadores de Microbios*»:

«Frio como uma geleira, preciso como um cronometro de bordo, começou elle a procurar resposta para as incognitas da natureza... e encontrou soluções exatas. Seus trabalhos fôrão considerados classicos, apenas dados á publicidade — mas elle tinha o habito de nada publicar antes que alguns annos tivessem decorrido após o inicio das pesquisas realizadas».

«GRASSI detestava os que não trabalhavam: — A humanidade (dizia elle) compõe-se dos que *traballham*, dos que *pretendem trabalhar*... e dos que *não fazem nem uma nem outra cousa*!»!

Seria difficil dizer exactamente quando começou BAPTISTA GRASSI a interessar-se pelo problema da transmissão da malária; provavelmente desde os seus primeiros tempos de pesquisador porque a *malária* foi sempre para a Italia o principal e mais importante problema sanitario, hoje finalmente em via de feliz solução (1)

Depois de perfeitamente identificado com a questão chegou BAPTISTA GRASSI a estabelecer o seguinte raciocinio: Si é a malária frequente nos logares onde abundam os mosquitos, não se observando, entretanto, nas regiões em que esses insétos não existem; e desde que nem em todos os pontos em que os mos-

(1) Conf. «*L'Agro romano nel primo quinquennio fascista*», Roma—1928.

quitos se desenvolvem ha necessariamente casos da doenca—ou os mosquitos nada têm que vêr com a malaria ou só uma determinada especie de mosquitos é capaz de veiculá-la (Convém não esquecermos que já RONALD ROSS o havia mais ou menos determinado: o *brown mosquito*, como elle o chamava, era certamente um anofelino, ao passo que o *grey mosquito*, de azas claras, era com toda probabilidade um culicínio).

Para solucionar o diléma em que resumira a questão não poupou BAPTISTA GRASSI nem tempo nem trabalho—trabalho paciente, calmo, metodizado. Nas suas indagações, e nas perquirições insistentes e incomodas que fazia, diréta e indirétamente, nas casas de malariantos, em busca dos *zanzare* responsáveis, chegou finalmente a suspeitar com fundamento de determinada especie de anófeles—a que o povo chamava *zanzarone*, facil de reconhecer pelas quatro manchas que lhe enfeitam as azas pardacentas («*brown mosquito*»!).

A prova experimental não demorou de ser feita, confirmando plenamente as pesquisas e as conclusões intuitivas de RONALD ROSS. Serviu de *cobaia*, desta vez, um antigo doente do Dr. BASTIANELLI—um tal Mr. SOLA—que nunca tivera malaria, e estava internado no *Hospital do Espirito Santo*, situado numa eminencia em que nenhum caso da doenca fôra jamais observado, nem o incomodo zumbido dos *zanzaroni* fôra até então escutado. Anofelinos apanhados em zona reconhecidamente malarigena fôram soltos no aposento occupado pelo paciente... e dez dias mais tarde, precedido de calefrio fortissimo, manifestou-se o primeiro acesso de febre—febre indiscutivelmente malarica, pois o exame de sangue o demonstrou.

Estava pois verificado, experimentalmente demonstrado, que determinadas especies de mosquito são capazes de transmitir a malária ao homem, do mesmo que outras especies transmitem o proteozoma ás aves, como verificára RONALD ROSS.

Firmado o papel dos anofelinos na transmissão da malária, foi GRASSI pelo menos na Italia, o apologista maior da profilaxia malarica pelo exterminio dos mosquitos (Excusado dizer que poucos o compreenderam, e a maioria encolheu significativamente os hombros, taxando-o de maniaco, ou pelo menos de exagerado).

Em pleno verão de 1900 realizou BAPTISTA GRASSI, finalmente, uma nova experiencia que de ha muito se estava a impôr: Colocou ao abrigo de mosquitos, em região reconhecidamente malarica, um certo numero de individuos que ali tivessem de permanecer, ao passo que outros fôram deixados perfeitamente á vontade, na faina dos afazêres quotidianos; assim foi que uma centena de individuos, arbitrariamente escolhidos dentre as familias de empregados da via ferrea que corta os taboleiros pantanosos de CAPPACIO, teve de sofrer as recriminações e os rigorosos conselhos de GRASSI e seus auxiliares, que lhes não permittiam expôr-se á sanha dos mosquitos perigosos. Desses reclusos, apenas um ou outro teve manifestações de malária, ao passo que os demais habitantes da planicie *quasi sem excepção* adoeceram gravemente; o fáto de se manifestar a doença nos individuos que a intelligencia pesquisadora de GRASSI protegera dos mosquitos tem explicação facil que não poderia deixar de acorrer ante o espirito dos competentes:—Tratava-se de simples recaídas, não porém de reinfestações; eram

individuos que, incompletamente tratados, só na apparencia se tinham curado de surto malarico anteriormente adquirido!

GRASSI tinha motivos para estar satisfeito.

MANSON, entretanto, o velho pesquisador que de longê acompanhava as experiencias de GRASSI, com o mesmo interesse com que presidira as investigações de ROSS, não estava ainda plenamente satisfeito com a conquista scientifica do primeiro, do mesmo modo que lhe não satisfizera o espirito sensatamente exigente a conquista científica do segundo. É' que, pensava MANON, as experiencias feitas por GRASSI tinham sido realizadas na Italia—naquelle tempo o paraíso da malaria; dos individuos protegidos por GRASSI contra os mosquitos *alguns*, pouquissimos embora, haviam tido acessos e os hematozoarios lhes haviam invadido o sangue periferico. Tudo estava certo, tudo logico, tudo explicavel... mas podiam ser apresentadas objecções!

Planejou então o grande tropicalista uma dupla e decisiva experiencia, de que nos dá noticia, melhor que outro qualquer e com inexcédivel erudição, o notável e saudoso Dr. SAMBON que nela desempenhou um papel importante.

Constou a primeira parte da experiencia em fazer com que individuos que sempre houvessem residido em meio não tropical permanecessem durante algum tempo em região reconhecidamente malarica, numa choupana á prova de mosquito; a segunda consistiu em tentar a transmissão da malaria, com mosquitos colhidos em zona malarigena, a um individuo que além de não haver jamais contraído a doença, tivesse sempre residido em paiz em que ella não existisse.

Assim foi que, enquanto em plena *Compagna*

romana SAMBON, acompanhado por Low, (e abrigados ambos dos anofelinos numa cabana á prova de mosquito) contribuia para o progresso da ciencia com pesquisas e observações ineditas e originaes (1), PATRICK THUNBORN MANSON—filho diléto do notavel tropicalista, medico tambem e igualmente dedicado á ciencia e á humanidade, deixava-se picar corajosamente por mosquitos de azas manchadas, enviados por SAMBON, que os colheira cuidadosamente nas imediações da Cidade Eterna.

(1)—«Ao serem feitas as excavações para os alicerces de nossa cabana»—refere eloquentemente SAMBON—«desenterrámos um tumulo romano formado de grandes tijolos de terra-cotta onde jazia o esqueleto de uma mulher jovem. Debaixo do craneo encontrava-se uma moeda, do tempo do imperador COMMODO, que lhe fôra depositada sob a lingua para pagar ao velho CARONTE o imposto de pedagio, na travessia da *Stygia*. Ao vê-la, os trabalhadores benzeram-se e resmungaram. Teria ella morrido, na primavera da vida, vitima da filha de Saturno—a cruel sub-terça?

Referem-nos Plauto e Terencio, Cicero, Plinio e Horacio que na *Campagna* de seu tempo, quando a terra de Saturno (assim a chamavam) era ornada com belas moradias, imperavam as febres malaricas.

Desejo agora contar-lhes como vivemos na *Campagna* desolada; como apanhámos anofelinos para a experiencia, mal ensaiavam o primeiro vôo, nas margens do pantano de *Porto*, onde existiu outrora o embarcadouro exagonal de TRAJANO; como, ao abrir a porta de um estabulo, imaginei—ao contemplar as cortinas de teia-de-aranha que agitadas pelo vento barravam a entrada aos mosquitos—uma gaiola para viagem, em que pudesse enviar para Londres, a salvamento, os mosquitos infestados; como acompanhámos a evolução da *filaria cruel* (*F. immitis*) parasita do cão, em anofelinos alimentados com o sangue da canzarrada faminta que nos cercava e montava guarda á cabana; como, depois que o sol se punha, hordas de mosquitos *selvaticos* assaltavam nossas janelas teladas, piruetando e zumbindo freneticos, sedentos de sangue; como descobrimos a veriedade pequena do parasita da piroplasmose do gado, e igualmente a variedade maior (*Babesia bigemina*) nos bovidos longicornios e malhados da *Campagna*; como estudámos os habitos da aranha—lobo ou Tarântula (*Lycosa tarantula*) cuja mordidela disem causar uma dança frenetica que os camponezas tratam

Da realização dessas experiencias nos dão conta exata duas das tres memoraveis cartas escriptas por MANSON a SAMBON, e por este publicadas no excelente artigo a que já acima nos referimos. A primeira, datada de 3 de Julho de 1900, acusa com elogios ao inteligente acondicionamente, a chegada de um lote de mosquitos infectados que SAMBON enviára par LONDRES; reza assim o importante documento:

«Meu caro SAMBON

Os mosquitos chegaram no Domingo, em perfectas condições. Seu telegrama chegou Sabado e no Domingo WARREN foi ao correio. Nada de mosquitos! Eles lá não estavam. Mas tarde, contudo, fôram encontrados e quando fui para a Escola, na segunda-feira achei-os vivos e ageis. Nem todos estavam vivos, pois encontrei um ou dois *cadaveres*, mas seu magnifico dispositivo para a remessa e guarda dos mesmos deu excelente resultado, tendo você resolvido de modo definitivo o problema do transporte».

A segunda carta, escrita dois menses e meio mais tarde, narra entusiasticamente o resultado positivo da transmissão experimental tentada no proprio filho:

Meu caro SAMBON:

Embora esteja morto de cansaço não quero deixar-me antes de lhe referir o exito fenomenal da outra parte da experiencia. Telegrafei-lhe hontem,

por musica; como, ás portas quasi de ROMA encontramos uma nova espécie de mamifero (*Talpa romana*)... e muitas outras cousas interessantes que o tempo me não permite narrar aqui».

(Conf. «*Tropical and Sud-tropical Diseases*», in «*The Jrl. of Trop. Med. and Hyg.*», n. de 15—VI—1922, pp. 174—175).

mas calculo que você gostará de saber algumas minucias.

Como sabe BURNIE foi picado pelos mosquitos romanos mais ou menos no inicio de Julho, bem como no fim de Agosto e, ainda uma vez, ha dez dias passados.

Estava perfeitamente bem até sexta-feira, 13; nessa manhã despertou sentindo-se indisposto; 99 graus de temperatura. (1) Durante o dia elevou-se a temperatura a 102°, mas como não encontramos parasitas ao exame de sangue não ousei sequer ter esperanças. No dia seguinte continuou no mesmo estado—febre continua de 100° a 101°,8 e sensação de calôr; nenhum parasita foi encontrado. No sabado, dia 15, a temperatura matinal era de 99° e êle sentia-se bem; nada de parasitas. A's duas da tarde, encontrava-se tão bem disposto que parti para Chalfont. Eu estava cansado, gotoso e «gripado». Á noitinha, quando nos sentavamos á mesa para jantar chegou um telegrama de EDIE comunicando que BURNIE tinha febre alta. Ao regressar á casa, na segunda-feira pela manhã, estava BURNIE sentado e sentindo-se bem, embora abatido, e referiu-me que na noite de sabado, e precedida por calefrio, a febre subira a 104° e elle delirára. Seguiram-se á febre suores profusos. No domingo pela manhã sentia-se perfeitamente bem, mas á tarde teve outro acesso. Ao examinar-lhe o sangue, dentro de alguns minutos, encontrei um esquizonte incompletamente desenvolvido da *terçã* e alguns leucócitos melaniferos. Era bem o caso de exclamar: Eureka! Repetidos exames de sangue nada mais fizeram que confirmar o primeiro. Hontem, terça-feira, novamente subiu a temperatura a 103°. Arranjei seis pessoas para testemunharem o achado telegrafei-lhe (bem como a outras pessoas) e quando começou a baixar a febre, mais ou menos ás 9

(1) Bem entendido, 99 graus FABREHEIT.

da noite, administrei 10 grãos de quinina. Desde então êle continuou a tomar quinina e embora tenha ainda alguns hematozoarios no sangue, gamétas inclusive, sente-se atualmente bem disposto e está examinando o proprio sangue».

Isso é verdadeiramente extraordinario, e, reunido ao bom êxito de suas pesquisas, prova nosso modo de vêr de maneira absoluta».

Estas cartas, e mais uma terceira, foram recebidas em Ostia (Campagna Romana) onde graças ao interesse e á solicitude do rei UMBERTO, encontravam-se installados SAMBON e LOW numa casinhola telada, á prova de mosquitos, dando uma bêla prova de intrepidez, desprendimento e interesse científico.

Excusado dizer que nenhum dêles teve malaria.

Ficára demonstrada a *Teoria do Mosquito!* Estava solucionado o «Grande Problema!»



OUATAPLASMA
do Doutor **ED. LANGLEBERT**
Curativo emolliente aseptico instantaneo

ABCESSOS, ECZEMAS, PHLÉBITES, INFLAMMAÇÕES DA PELLE

DEPOSITO GERAL : 10, Rue Pierre-Ducreux, PARIS. — E em todas as Pharmacias.

UM CASO DE DEMENCIA PRECOCE

A. A., 28 annos, solteira, s. domesticos, residente em Itapagipe.

ANAMNESE

A analyse dos commemorativos familiares evidencia a existencia de tara neuropsychopathica. No particular dos commemorativos pessoases é para assignalado o seguinte: Houve pequeno retardamento quanto ao inicio da marcha e do uso da palavra. Negativas foram as informações obtidas no tangente a quedas do leito, loquacidade hypnagogica e anormal micção no leito. Teve a observada bôa conducta, assim no meio domestico como no escolar. Sempre se mostrou reservada e pouco expansiva, sem encontrar prazer em diversões de qualquer ordem, procurando, entretanto, mostrar-se carinhosa para com os seus até o inicio da molestia, quando se começou de notar accentuada diminuição em taes transportes affectivos. Pequenas modificações de character, á installação da puberdade. Fluxo catamenial diminuido e retardado, sobrevindo de 2 em 2 mèses. Ausencia de ethylismo e outras exo-intoxicações.

Em Outubro de 1926, por atacada de perturbações mentaes, foi internada no Hospital Nacional de Psychopathas (Rio de Janeiro), onde se manteve até Fevereiro de 1927, quando aos seus parentes pareceu bôa, embora muito retrahida e sempre calada. Infor-

mes relativos aos symptomas mentaes então observados, não os conseguimos obter. As perturbações actuaes tiveram inicio a 24 de Dezembro de 1927, como manifestações de «Delirio religioso» (segundo expressão de seu progenitor), traduzindo-se em repitados discursos ou sermões sobre themas sacros. Inadvertencia da familia permittiu que taes manifestações se cultivassem, porquanto á paciente foi facilitada a frequencia assidua a cerimoniaes do culto catholico. De uma feita, numa egreja provocou, com as suas attitudes, palavras e gestos, grande escandalo entre os fieis.

Nesse periodo, ao que podemos concluir do que nos foi relatado, já havia estereotypias de palavras e attitudes, não se notando entretanto gesto ou actos aggressivos, bem que a doente, farta vez, rompesse as proprias vestes.

Vale acrescentado que, ao que nos declara o pai, se deixou A, certa vez, numa sessão espirita «apoderar por um espirito», executando gestos e proferindo phrases perfeitamente semelhantes ás que havia, na *medium*, observado (suggestibilidade).

ESTADO ACTUAL

Exame physico—O exame physico nada de anormal nos revelou. Ha porém, disturbios ovarianos, como as perturbações catameniaes indicam. O resultado dos exames de sangue e liquor, feitos no Hospital Nacional de Psychopathas, permite excluir-se participação da syphile na genese da doença mental.

Apurado do exame mental—A doente, que sempre vimos excitada, mostra-se inaffectiva, sem que se lhe note qualquer manifestação de alegria ou des-

prazer. Alhejada inteiramente ao mundo exterior, nenhuma solicitação ambiental logra influir assim sobre as suas extranhas attitudes, como sobre suas phrases repisadas e sem apparente sentido. A presença do proprio pai, como observamos, não lhe impõe alteração á indifferença affectiva, do mesmo geito que nada ha que lhe possa modificar a *aprosxia*.

Ha manifestações paramimicas, risos immotivados ou explosivos. Notam-se, igualmente, estereotypias acineticas e paracineticas, com manieirismo e verbigeiração.

O exame objectivo, orientado no sentido da investigação de disturbios da perceptividade, indicou-nos, a existencia de allucinações auditivas e visuaes. Verificamos ainda, algo de sordicia e observamos a pratica de actos destruidores sobre as proprias vestes e objectos outros sem que, entretanto, a paciente se revele aggressiva em relação a pessoas.

DIAGNOSTICO

A. é doente mental e a sua molestia merece, pelos symptomas enumerados, diagnosticada como demencia precoce hebephreno — catatonica de Kraepelin (typo periodico), ou, para adoptarmos a concepção bleuleriana como eschizophrenia remittente. Cabimento não ha, no caso em questão, para qualquer hypothese diagnostica referente ás olygophrenias, epilepsia, paranoia, paraphrenias, psychoses toxicas ou infectuosas, etc.

E' para consignado, porém, que uma observação superficial dos gestos e attitudes da excitada doente, a evolução da doença e a verificação de apparente

«fuga de idéas», poderiam nortear o diagnostico no sentido da psychose mániaco depressiva. Cuidadosa analyse do quadro symptomatico, entretanto, permite excluida, tambem, esta ultima hypothese.

A doente, já o dissemos, mostra-se inactiva e a inactividade inconsciente, a desappareição da consciencia affectiva é o elemento fundamental da demencia precoce, ao revés do que se dá com a psychose mániaco depressiva, em que ha sempre conservação da affectividade, registando-se na phase maníaca (em que, admittida a erronea hypothese estaria A) verdadeira exaltação do tono affectivo.

O mániaco, ademais, (muito ao contrario do que observamos na doente, absolutamente incuriosa e alheia, por inteiro, ao mundo exterior), nada deixa passar do que lhe fere o ouvido ou a vista e, sempre alerta a tudo, de prompto acode com o revide se á sua pessoa ou a sua doença uma allusão percebe.

A excitação na psychose mániaco-depressiva, consegue-se-a interromper, ainda que ligeiramente, por uma viva interpellação.

Tal não é possível em A, como nos dementes precoces em geral. Sendo a excitação dos mánicos o producto de morbido trabalho dos centros superiores, uma vez que nelles haja substituição de uma idéa, a interrupção se dá, para cessar tão logo desappareça o effeito do exogeno excitante introduzido na elaboração do pensamento consciente.

Nos dementes precoces a excitação estando á conta, por que assim digamos, de um trabalho polygonal, este segue inteiramente alheio a qualquer idéa que se pretenda suggerir, e que, por isso, não logra desviar do seu curso aquellas que nos dominios do in-

consciente se produzem, exteriorisando-se na acção da excitação hebephreno-catatonica.

Convém referido que extranhavel não seria a verificação de disturbios mais encontradiços na psychose maniaco-depressiva entre predominantemente symptomas hebephreno-catatonicos que obrigam ao diagnostico de demencia precoce ou eschizophrenia.

É eloquente, no particular, o seguinte lance de Bleuler: Estabelece-se entretanto um parallelo entre syntonia psychose maniaco depressiva e eschizodia—eschizophrenia.

Todo homem possui uma componente syntonica e outra eschizoide, e, com uma observação exacta pode ver-se a intensidade dellas e a direcção da dominante, assim como tambem estabelecer-se a relação entre as mesmas e suas características hereditarias, si se conhecem os outros membros da familia. No mesmo individuo podem achar-se pathologicamente exageradas ambas as reacções ou somente uma dellas. Os casos bem caracterizados são as enfermidades psychose maniaco depressiva ou eschizophrenia puras. Mas com frequencia vêm-se formas claras de transição, typos preponderantemente maniaco-depressivos com symptomas eschizophrenicos accessorios e vice-versa.

RESPOSTA AOS QUESITOS

QUESITOS DO DR. JUIZ SUBSTITUTO DA VARA DE ORPHÃOS

1.º—A paciente soffre de alienação?—Sim.

2.º—Esta alienação é continua ou tem intervallos lucidos?—Não cabe ao caso em questão a noção de intervallo lucido. Pode entretanto a doença soffrer

remissões, a que não corresponde perfeita lucidez mental.

3.º—Qual a sua especie ou genero?—A doença mental de que soffre a paciente merece diagnosticada como demencia precoce hebephreno catatonica de Kraepelin (typo periodico) ou segundo Bleuler, como eschizophrenia remittente.

4.º—Desde que tempo data ella? Não podemos precisar. As manifestações actuaes tiveram inicio a 24 de Dezembro de 1927.

5.º—Acham os peritos que a examinada está impossibilitada de reger sua pessoa ou bens?—Sim, porquanto a doença de que soffre a inibe de orientar os seus actos em sentido pragmatico.

QUESTOS DO DR. CURADOR DE ORPHÃOS

1.º—Qual o tratamento de que necessita a paciente? Além do tratamento symptomatico logram applicação em casos que taes a opotherapia endocrinica, a labortherapia, a vitaminotherapia, o sôro artificial (methodo de Pagano), o methodo psychanalytico, etc.

2.º—Este tratamento pode ser ministrado convenientemente em domicilio ou se torna necessario o seu internamento em estabelecimento apropriado?—O tratamento, desde que bem orientado technicamente, pode ser ministrado em domicilio, só se impoñdo o internamento em caso de actos aggressivos ou violentos que ponham em perigo a paciente ou os que a cercam. Merece citado a tal proposito o seguinte passo de Bleuler: «A' maior parte dos eschizophrenicos nada se faz ou se os trata fora dos asylos. Em caso de internamento a alta deve ser dada o mais cedo possivel porquanto, mais tarde muito me-

nos facilmente se poderá fazer pois com o sequestro do doente tanto este como os seus parentes rapidamente se habitua».

QUESITOS DO PAE DA PACIENTE

1.º—Qual a molestia de que está soffrendo a paciente, minha filha A.?—Demencia precoce ou eschizophrenia.

2.º—Será o seu estado ligado a algum máo funcionamento do apparelho utero-ovariano, occasionado ainda mais por causas de ordem moral? Não depende a doença de «má funcionamento do apparelho utero-ovariano». Intervêm na pathogenese uma disposição constitucional (constituição eschizoide) e com ella, segundo a mór parte dos psychiatras de autoridade, uma insufficiencia endocrinica pluriglandular, de que participa a glandula ovariana.

3.º—E' curavel ou incuravel? E' inadmissivel, para a doença em causa, a possibilidade de cura integral. Remitte, porém, o mal de tal geito, em certos casos que só um exame meticoloso e arguto pode revelar signaes que o indiquem. São as chamadas «curas praticas» ou «curas sociaes», em que sempre existe *deficit mental*.

4.º—No caso affirmativo, em que tempo?—Prejudicado.

DR. MAGALHÃES NETTO

Docente-Livre da Faculdade de Medicina da Bahia.

IN MEMORIAM

Prof. Egas Moniz Barreto de Aragão

Conferencia (*) pronunciada pelo Prof. Aristides Novis perante a «Sociedade Academica Alfredo Britto»

—Aqui estou, senhores, para dizer-vos em nome de uma pujante associação de moços estudantes, dos profundos motivos que os trazem presos a recordação de um Mestre muito amado, que, não ha muito, tambem vimos partir da nossa companhia, nos braços inexoraveis da morte...

Para aqui me trouxeram elles, os meus queridos discipulos da «Sociedade Academica Alfredo Britto», com a difficil incumbencia de recompôr os traços singulares de uma vida scintillante,—toda intelligencia e bondade, entendidas, respectivamente, estas qualidades do ambito da cultura medica e do modo cavalheiresco e fidalgo das relações pessoases. Porque, do litterato e do poéta, jamais se atreveria a articular o perfil quem antes o sentiu trabalhado em filigranas de estylo e primôres conceitnaes, da parte de varios e legitimos intérpretes das letras e das musas, aos primeiros échos desconcertantes do trespasse que ainda hoje se lamenta.

(*) Esta conferencia teve logar já ha algum tempo. Conservou-se inédita até o presente, quando amigos do illustre morto homenageado, querem a sua publicação.

De tão complexa personalidade, porém, bem é que se restrinja a encarecer as facetas do médico, do mestre e do amigo, quem na situação que se me depára, não quer perder o ensejo de tríplice homenagem:—á classe, invocando um dos seus lídimos ornamentos; aos discipulos,—projectando-lhes um modêlo invulgar de preceptôr, e aos próprios sentimentos, fitando na direção de um passado ainda recente, para desvendar, por entre as névoas da mais terna saudade, o vulto sereno e inconfundivel do amigo verdadeiro, um dos raros espécimens que o mundo me ha offerecido á devoção, em abono áquella sentença de Lacordaire que diz «não ser nem o genio, nem a glória, nem o amôr que médem a elevação da alma, —mas, a bondade».

É este era a bonhomia personificada, no consenso unânime dos que lograram a ventura da sua approximação; a bondade inteira,—na sua expressão crystalina e sincera; a bondade sublime que, para melhor definida, outro qualificativo não encontraria mais adequado, além dèssa fórmula concisa e de fácil percepção por todos nós, que outra coisa não precisa ser senão a mesma bondade de Pethion...

PETHION — MÉDICO

Pethion de Villar, foi o pseudonymo que ao mundo das lettras apresentou o insigne bahiano Egas Moniz Barreto de Aragão, que tanto soube honrar e estremecer a terra gloriôsa do seu berço.

Rebento de uma estirpe fidalga, radicado á nobreza de Portugal, Pethion era filho do fallecido Dr. Francisco Moniz Barreto de Aragão e de D. Anna de Lacerda Moniz de Aragão, bahianos ambos de nascimento.

Nasceu a 4 de Setembro de 1870.

Muito contribuiu para incutir-lhe desde cedo no espirito, o gosto pelas letras, assim como essa abundancia de coração, tão de louvar, a figura varonil de seu pae, homem eminentemente culto e intelligente, de prosa agradável e erudita, do qual o primeiro conhecimento deixava para logo a impressão inilludível do perfeito cavalheiro, inflexível e igual nas attitudes, que as sabia dispensar sem nenhuma affectação, no trato social e até no doméstico, com elegancia e donaire.

O pendôr litterario, dest'arte alimentado no vigôr da adolescencia, não tardaria a expandir-se em producções luxuriantes a que, não raro, estróphes suas do mais fino lavôr iam levar a nota festiva do poeta em formação, já, por esse tempo, enamorado da glória que o haveria tão depréssa de sagrar.

Matriculado em a nossa Faculdade Médica em 1890, recebeu a laurea doutoral em Dezembro de 1895. Durante o seu tirocinio academico fundou e redigiu a «Revista Academica», (1891), «O Livro» (1893), «A Renascença» (1894), outros periódicos fundando, posteriormente, como a «Revista Popular» (1898) e a «Revista do Gremio Litterario» (1901), demonstrativos tão largos adêjos de publicidade da sêde de espaço com que o estudante se engolfava no firmamento belletrista, empolgada sua alma sensível pela sercia da phantasia,—toda encanto e seducções, mórmente numa quadra da vida que, para ser a mais feliz, deve guardar a maior distancia de com as zonas inhóspitas da realidade.

Tão decisiva foi esta influencia na evolução mental do moço academico que os seus sônhos de doutor foram trahidos pelo despertar do poeta, tamanha

a auréola por este conquistada, em relação a do outro, —a do médico, a qual nivelada, embóra, a dos mais habéis condiscipulos, perderia no contraste com as irradiações de um outro e mais consideravel prestigio, que o Pethion usurpava ao Egas Moniz, como a expressão de uma lucta interior, céga e profunda, dês-sas que se travam muita vez, em pura perda, com a vocação,—agóra e sempre victoriósa.

Eis a razão pela qual, a principio, o jóven doutor distribuia a sua actividade publica entre a litteratura e o estudo e ensino das linguas de que era professor, não cultivando nem praticando a medicina, o que o não impediu de, mais tarde, segundo o pro-vécto mestre Gonçalo Moniz, que o consignou em sua monumental Memoria Histórica, em a nossa Faculdade, relativa ao anno de 1924, «voltar-se, especialmente por occasião da viagem que fez a Európa, para os estudos médicos, e após o seu regresso, estrear-se no exercicio da clinica, adoptando como especialidades a dermatologia e a syphiligraphia, abrindo então o seu consultório nesta cidade.»

Ninguém melhor do que o mesmo illustre autor da Memoria alludida traduzirá, em palavras, os milagres de que é capaz uma intelligencia disciplinada e dúctil quando, ao meio dia da vida, a visão da realidade inspirou ao poéta a tróca de sua lyra peregrina pelo microscópio, apparelho que multiplicando em dimensões a lesão a examinar, vinha como destinada a extorquir pesadamente, os juroes da móra ao profissional retardatario, restituído, por fim, aos vélhos amôres, trahidos, que o haviam sido, pelo feitiço das rimas perjúras e ingratas. São suas as linhas a seguir, de referencia ao Dr. Egas Moniz:—«tal mutação na sua vida professional offereceu ensejo de patentear-se mais

uma vez a robustez da sua mentalidade, a admiravel capacidade acquisitiva e assimiladora da sua intelligencia de escol. Verdadeiramente extraordinaria era a facilidade e a rapidez com que se apossava de conhecimentos fartos e particularisados sobre matérias com que até então não se havia occupado, revelando assim a múltiplice receptividade e flexibilidade da sua poderosa cerebração». «Attéstam o que acabo de dizer o bello concurso que fez para um logar de substituto nesta Faculdade e os numerosos e importantes trabalhos que publicou sobre assumptos médicos nêssa segunda phase de sua existencia. Em 1907, com effeito, concorreu elle á vaga de professor substituto da II.^a secção, (clinica Dermatológica e Syphiligraphica), nesta Escóla, tendo por competidor o Dr. Albino da Silva Leitão. Foram ambos habilitados havendo sido, porém, classificado em primeiro logar o Dr. Albino Leitão, e portanto, nomeado para o preenchimento da vaga».

Realmente, a contribuição de Pethion como cultôr da medicina, em prazo relativamente curto, é coisa digna de realce, e por isso, me não dispenso o dever de transladar para aqui o extracto das suas esplendidas produções:

«Synthese da Medicina». These inaugural, 1895; «A Genese das especies segundo Haeckel», 1891. Serie de artigos publicadas na *Revista Academica*; «Rudolf Virchow e a Medicina contemporanea», discurso pronunciado no Gremio Literario da Bahia em homenagem ao sabio allemão, 1910; «Chronica Scientifica». *Diario de Noticias*, 1899 a 1900; «A. Von Haller, o Medico e o poeta», oito artigos. Editorial do *Diario de Noticias*, 1899 «Contribution a l'etude de la Syphilithérapie»; Mémoire lue par l'auteur á la Societé de Médecine de Paris, séance du 14 Octobre 1905,

á titre de candidature de Membre Correspondant. Les conclusions favorables du rapport de la Commission. (Tissier, Monel et Buret) sont approuvées á l'unanimité, le 28 Octobre 1905:

«Thérapeutique da la lépre et des dermatoses Microbiennes». Memoria lida na mesma occasião e approvada nas mesmas condições; «Um caso de Atavismo Psychopatologico»; Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisbôa, em Fevereiro de 1907; «Sur L'Action Thérapeutique de la Boerhavia Hirsuta dans le Beriberi et Les Maladies Rénales». Communication á la Societé de Médécine de Paris, Séance du 23 Février 1907. Publicada no *Progrés Medical*, n. 9, em 2 de Março de 1907; «Tratamento da Syphilis pelos Vegetaes Brasileiros»; Memoria apresentada ao III Congresso Medico Latino-Americano, 17-24 de Março de 1907; «Die Ehrlichtheorie Und Die Stoechiometrie Der Antitoxinen. In Beziehung Auf Der Physiologieschen Therapeutik. A traducção portugueza deste trabalho foi publicada pela *Bahia-Medica*, ns. 6, 7, 8, Maio, Junho e Julho de 1907; «O Treponema Pallidum de Schaudinn» *Gazeta Medica da Bahia*, 1907; «Esterilidade Syphilitica, suas causas e lesões que a explicam», Prova oral do auctor no concurso ao lugar de Lente substituto da 11.^a secção. (Clinica Dermatologica e Syphiligraphica), da Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia, 17 de Maio de 1907; «Atrophias Cutaneas», Prova escripta por occasião do concurso. Foi traduzida em francez e apresentada á Societé de Médécine e d'Hygiéne Tropicales; «Discurso pronunciado na Academia Nacional do Rio de Janeiro» por occasião de receber o diploma de Membro correspondente. Publicado no *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 19 de Julho de 1907.

«A Evolução da Syphilitherapia». Memória lida na Academia Nacional de Medicina do Rio, sessão de 1.º de Agosto de 1907; o resumo desta Memória foi publicado pela imprensa do Rio de Janeiro; «Da Especificidade do Mercúrio na Syphilis». Memória lida na Academia Nacional de Medicina, sessão de 22 de Agosto de 1907; e publicada no *Brazil-Medico*, n. 38, de 8 de Outubro de 1907; Discurso pronunciado em agradecimento ao banquete que lhe foi oferecido pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 21 de Julho de 1907. Publicado pelo *Correio da Manhã*. (Rio de Janeiro), de 23 de Julho de 1907; «Discurso», pronunciado por ocasião de receber o diploma de Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Publicado na *Revista da mesma Sociedade*, 1907; «A Framboesia Tropicã (Boubas) é moléstia autónoma e protopathica ou a syphilis européa modificada por factores especiaes mesológicos»? Memória lida em sessão do VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia (S. Paulo), Setembro de 1907; Resumo publicado pelo *Brazil-Medico*, n. 45, de 1.º de Dezembro de 1907; «O Problema da Leprotherapia» Memória lida perante o VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. S. Paulo, Setembro de 1907; Annaes do Congresso; «Da Presença Endocytoplastica do Treponema Pallidum. Memória lida pelo auctor perante o VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. S. Paulo, Setembro de 1907. Annaes do Congresso; «Da Ulcera Phagedenica Tropical e suas Relações com a Symbiose Fusos-Espirilar». Memória lida perante o VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia. S. Paulo, Setembro de 1907. Annaes do Congresso; «Tratamento da Syphilis e das Dermatoses Microbianas pelos Vegetaes Brasileiros». Conferencia

realizada em S. Paulo na sala das festas do Gymnasio de S. Bento, 16 de Setembro de 1907. Parte desta conferencia foi publicada no *Correio Paulistano*, de 18 de Setembro de 1907.

«Contribuição para o estudo da Dermatologia Tropical»; Memoria apresentada ao IV Congresso Medico-Latino-Americano, Rio de Janeiro, Agosto de 1908, Annaes do Congresso; «Das Opsoninas, generalidades, diagnostico opsonico, prognostico opsonico. Applicações therapeuticas das opsoninas». *Brasil-Medico* n. 22, de 8 de Junho de 1909, pag. 221; «Um novo signal da syphilis hereditaria (o signal de Joukowski). «Comunicação ao Congresso Medico de Pernambuco, 1909. Annaes de Congresso; «Do Permanganato de Potassa como Hemostatico Local». Comunicação ao Congresso Medico de Pernambuco, 1909, Annaes de Congresso; «Contribution a L'étude de la Syphilis au Brésil». Mémoire présentée à la Societé de Médecine de Paris, séance du 11 Février 1910, Bulletins et Mémoires de la Societé de Médecine de Paris, n. 3, pag. 138; «Da Genese Endothelial dos Leucocytos Mononucleares e a sua Critica». *Medicina Moderna*, n. 194, Fevereiro 1910, pag. 141, Porto; «Valor da reacção de Wassermann e o novo methodo de Finkelstein». Memoria apresentada ao Instituto Chimico-Bacteriologico da Universidade Imperial de Moscow. O resumo desta Memoria foi publicado no *Brasil Medico*, n. 15, de Fevereiro 1910, pag. 41; «A evolução da Pharmacodynamica á Luz da Cytobiologia». Memoria apresentada ao Instituto Pharmacologico da Universidade de Greifswald (Allemanha). Foi publicada no *Brasil Medico*, pag. 248 á 273, 1910; «Das Aristolochias Brasileiras». *Diario de Noticias*, Maio de 1910, Bahia; «A Syphilis Tropical». Memoria apresentada á Academia

Real de Medicina de Madrid, 1910; «La Maladie de Silva Lima», Aihum, Memoria apresentada á Sociedade de Medicina de Paris, sessão de 11 de Novembro de 1910, publicada nos Bulletins e et Mémoires de la Société de Médecine de Paris n. 15; «Observations Personnelles sur le Traitement Abortif Local de la Syphilis par L'atoxil et L'arsacétine», trabalho lido pelo Prof. Hallopeau na Academia de Medicina de Paris, sessões de 31 de Maio e 12 de Julho de 1910, in Bulletins de l'Acad. de Med. «Do Mycetoma», in Gazeta Medica, 1910; «Silva Lima e o seu legado Medico-Scientifico», in Gazeta Medica da Bahia, 1910; «O 606 especifico da syphilis», recentemente descoberto pelo Prof. Ehrlich, editorial do *Diario de Noticias*, 3 de Outubro de 1910; «Quem descobriu o 606?» idem 7 de Novembro 1910; «Pharmacologia do 606» idem *Jornal de Noticias*, 5 de Dezembro 1910; «Um cas de Maladie de Silva Lima, Aihum» Observation personnelle. Comunicação á Société de Médecine et d'Hygiène Tropicales, Séance du 28 Juillet 1910; in *Revue de Médecine et d'Hygiene Tropical*, tomo VII, n. 3, p. 205; «Pharmacopraxia do Salvarsan, 606 de Ehrlich-Hata» editorial do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Maio de 1911; Criteriologia da reacção de Wassermann», Memoria apresentada á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Impresso na Typ. Besnard Frères, Rio de Janeiro, Maio de 1911. «Notes sur le traitement abortif local de la syphilis. Hectine, par la methode d'Hallopeau»; Communication au VII Congrès International de Dermatologie et de Syphiligraphie; «Elephantiasis Tropicale»; Observation personnelle, avec une photographie. Mémoire présentée au VII e Congrès International de Dermatologie et de Syphiligraphie. «Le probleme du

P'eau» Gazette de Paris; «Le Maculo, (Un problème de Pathologie Tropicale»), Mémoire présentée en Janvier, 1911 á la Societé de Médecine et d'Hygiène Tropicales, «Contribution a L'Histoire de la Dermatologie Tropicale»; «Annales de Dermatologie et de Syphili-graphie. (Les Blastomycoses Americaines». Memoria apresentada á Academia de Medicina de Paris. «Observations Personnelles sur le Paludisme Larvé». Communicação á Sociedade de Medicina e de Hygiene Tropicales. «Arsenotherapie da Syphilis 606».

—Quem de perto privou com Pethion, de modo a tel-o bem presente ao espirito nos melindres de sua sensibilidade moral, está no caso de prejudgar que, como médico, daria elle as suas preferencias pela homeopathia, que léva á obsessão o principio aphoristico do «*primum non nocere*». É a mesma técla que fére a nossa «Gazeta Medica» quando, por ella, assim me exprimo eu, registando o seu infausto passamento: —Medico, foi homeopatha. É na therapeutica, o espirito superior abrir-lhe-ia uma excepção ás tendencias néophilistas. Era de extranhar, de quem devotava verdadeiro culto ás coisas novas, ás ultimas descobertas, —a aversão, quasi, ou as declaradas antipathias por todo esse arsenal de drógas e preparados, com os quaes a industria pharmaceutica enchendo, quotidianamente, os mercados, mais parece curar dos proprios interesses do que os da humanidade soffredora.

Comprehende-se, entretanto, que assim houvése sido. A alma de Pethion era delicada demais para presidir conflictos senão pela persuasão, pelo prestigio ou pela força moral. Dahi, a incompatibilidade do mediador, nas luctas do organismo, com agentes aggressivos, capazes de mais cálidas reacções. A homeopathia trar-lhe-ia a vantagem de, quando não *convencesse*, dis-

sipando o litigio, não ter deixado *resentimentos* na intimidade da célula viva. Era bem o *simile*, na medicina, dos mesmos escrupulos da vida social, expressos na prudencia, que era como o tacto daquelle inoffensivo viver...

Commemorando as suas bodas de prata com a formatura, produziu o pranteado colléga os dois sonetos abaixo, cuja belleza justifica que eu os passe a lêr:

EXCELSIOR

Ao eminente Prof. Dr. Antonio Pacifico Pereira-glória da medicina brasileira, nosso Paronympho, e aos queridos collegas de formatura médica.

(1895—1920).

I

Quando se é moço, e, ardente o coração clangóra
A marcha triumphal dos glóbulos vermelhos,
Nossa alma, ébria de luz, revôa azul em fóra,
Aguia real, levando um mundo nos artelhos! ...

Mas, d'essa marcha em bréve o compasso fraqueia
E o arrôjo da aguia, em vão, desafia a tormenta:
É tempo de descer—o oxygenio rareia,
É tempo de parar—o céu nos desalenta.

Quantos sônhos de amôr! quantos sônhos de glória
Desfeitos no ar, como uma bôlha de sabão,
Neste quarto de séc'lo! ... e o pobre coração

A querer repetir a marcha da victoria
E a alma a querer de novo abrir azas no azul,
Quando, a curvar a nossa frente merencória,
Da velhice vem já soprando o vento sul! ...

II

Que impórta, amigos meus? Se o epílogo vem perto,
 Não résta do Dever cumprido a paz divina,
 Como o clarão do luar que abençoá o deserto
 E a carícia da flôr que consóla a ruina?!...

Se, da Vida ao galgar a cordilheira fria,
 A veíllice nos tólhe os vacillantes passos,
 Enviada por Deus, surge a Sabedoria
 Que nos abre piedósa os seus bemsditos braços.

Que importa, amigos meus?... E quando neste mundo
 Depuzérmos, enfim, serenos nossa Cruz,
 Antes de entrar do Além no insondavel retiro,

Sejam—lição final, grande exemplo fecundo!
 Nosso gésto de adeus—um arranco p'rá luz,
 Um hymno triumphal—nosso ultimo suspiro!...

14—XII—1920.

PETHION—O MÉSTRE

Verdadeira e incoercível vocação prendia Egas Moniz ao magistério, o que jamais é de extranhar como attributo de quem reúne aos privilégios da intelligencia os primôres do coração. Dahi,—os seus triumphos no officio, porque «não ha peiór mestre do que o animado por simples fins de lúcro, nem peior pedagogia do que a praticada sem amôr». Nelle perdestes com o grande preceptôr,—o amigo insubstituível.

«Pela reforma Rivadavia, em 1911, foi nomeado professor extraordinario de Historia Natural Medica, cargo em o qual o conservou a subsequente reforma do ensino, com a mudança, porém, do titulo para o de professor substituto, em cuja actividade permaneceu até

a mórte, leccionando sempre com brilho e proficiencia os cursos que lhe competia fazer». (Gonçalo Moniz).

Foi nomeado lente substituto de francez, inglez e allemão, no Gymnasio da Bahia, em Novembro de 1895, anno de sua formatura, galgando a cathedra de allemão em Março de 1900. Sua vasta e profunda cultura linguistica, permittindo-lhe o commercio com a sciencia nas proprias fontes nativas, dava-lhe ás aulas magistraes, na Faculdade, o colorido do inédito, sobredoiado cada assumpto do seu programma das applicações clinicas mais immediatas, assim antecipada aos seus alumnos, novatos na arte, a emoção pela qual anceiam desde a matricula,—que é a de sentirem o doente na essencia mysteriosa de seus males, ou na solução que sôham, miraculosa, dos problemas da cura.

Era um centro de attracção de estudantes. Daqui, ou do Gymnasio, quasi nunca partia isolado, após as prelecções. O mesmo blóco formado nos laboratórios, em tórno ao méstre, não se desagregava senão em regressando este á casa, quando não acontecia resistir aos mil attractivos do percurso, para só se dissolver ao ambiente carinhoso do seu lar, cada discipulo constituindo sempre o enlêvo áquelle segundo pae, que elle o sabia ser para todos.

Era de ver-se o empenho que votava á sorte de cada filho adoptivo, nas provas finaes. Tinha o defeito de quasi nunca reprovar, por excésso de bondade, diziam, ou, talvez, por motivo similar, pois, que, muitas vezes, lhe ouvi o confessado pavôr de possível injustiça na attribuição de suas nótas. Senhór das imperfeições humanas e das proteiformes circumstancias que sôem maisinar o processo em vóga nas funcções fiscaes da competencia, confiava mais na justiça do que na mesma lei, quando, de juizo formado sobre o valôr

do examinando, o via de encontro a um destes baixos, tão a miúdo disfarçados na róta incerta e vária dos exames.

Temia indispor a consciencia com o seguinte preceito de Ingenieros: — «acatar a lei é um acto de disciplina, porém, ás vezes, implica uma immoralidade; respeitar a justiça é um dever do homem digno, ainda que para isto tenha de elevar-se por sobre as imperfeições da lei».

Que esta conducta, porém, lhe não seja tomada como symptomatica da indifferença em face á sorte da instrucção publica em nosso paiz. Muito ao contrario. Os problemas da educação nacional e da instrucção pública rotulam o conteúdo de uma obra sua, de fôlego, em grôssio volume, apparecida um anno antes de sua morte e inspirada, quando deputado, na Mensagem enviada á Assembléa Geral, em 1921, por J. J. Seabra, o benemérito ex-governador da Bahia.

Os assumptos versados nas tres partes desse importantissimo trabalho, respectivamente, sob a rubrica de *Illusões, preconceitos e sophismas pedagógicos no Brasil e no estrangeiro; Synthese histórica do ensino e da orientação pedagógica no Brasil*, e *Problemas de Educação physica, intellectual e moral*, são sufficientes, como documentação, para um juizo formal dos recursos intellectuaes do autor, dobrados da cultura especializada na matéria, difficilmente expôsta a substancia intrincada do thema a uma crítica mais erudita, mais penetrante e mais reférta de incidentes interessantes, de modo a tornarem sua leitura um verdadeiro encanto, sobre um dever moral, por todos aquelles bons patriótas que descansam na instrucção as esperanças da salvação nacional.

Não résta dúvida de que esta obra é um *test* de

superactividade mental, centuplicado no valôr, se reflectirmos na sua coincidência com uma phase da vida do autor, em que a doença ter-lhe-ia já sacrificado, profundamente, as resistencias á débil organização;—próva a mais do heroismo de que era capaz o mestrê, em relação a todo e qualquér esforço explicita ou implicitamente subordinado á esphêra de suas obrigações docentes.

Não me proponho a repetir, em tão desalinhada palêstra, mais do que o tenho feito, nesta synthese apagada, as impressões hauridas dos «Problemas de Educação Nacional e da Instrucção Publica, da lavra do preclaro professor amigo. Não deixarei, contudo, em apoio ao elogio que merece, de transcrever alguns trêchos seus, salteados, extralidos á primeira parte da sua alludida obra:

«Ha no Brasil, dois grandes grupos de compatrioticos, cuja péssima orientação intellectual, muito tem influido na desorientação da nossa vida pedagógica.

É sempre de modo anti-cientifico.

O primeiro grupo é representado por aquelles que affirmam andar o nosso paiz á frente de todos os outros, acreditando que isto por aqui vae indo ás mil maravilhas, entre os applausos do univêrso boquiaberto de assombro.

Tudo divisam através de um prisma côr de rósa, tal qual o ingenuo escrivão de Pedro Alvares Cabral, em 1.º de Maio de 1500.» Desde os tempos coloniaes, a datar do terceiro século da colonisação, esse prazer, essa embriaguez dyonisiaca, para falar como Nietzche, por tudo quanto é nôsso, foi a primeira acção refléxa embutida em o nosso character, pelo aspécto geral da Natureza. Desde Rocha Pitta, a descripção do meio

está feita e a característica da gente, implicitamente traçada».

Na sua Historia da Litteratura Brasileira, Sylvio Romero observa que, enquanto os outros povos citam com legitimo orgulho os seus grandes homens, nós lhes apontamos a nossa natureza e a kilometragem do nosso território; ao passo que se glorificam de possuir um Dante, um Shakespeare, um Cervantes, um Goethe, um Victor Hugo, um Camões, um Linneu, nós lhes contrapomos o Amazonas, com todos os seus afluentes, as nossas brenhas selvagens, o nosso ouro, os nossos diamantes, as nossas cachoeiras, o nosso café, o nosso cacão, o nosso assucar, os nossos côcos, quando nos não referimos, num êrro pueril de geographia, ás nossas montanhas que ultrapassam as nuvens.

Allucinados por semelhantes idéas, entendem esses optimistas que não ha necessidade de reformas em ramo algum da actividade nacional, porque vivemos no mais adeantado dos paizes.

Tudo isto, no capitulo intitulado:—«*Ultra-optimistas*».

Dos «*Ultra-pessimistas*», diz o mestre:—«Ao lado deste grupo de exaggerados louvaminheiros e idólatras inconscientes, sympathicos embóra, em certos pontos, desde que, pelo menos, procuram ao seu modo amar a Patria, proliféra outro, muito mais irritante e perigoso.

A elle pertencem os brasileiros que tudo deprimem:—terra e gente.

Nada, segundo esses, présta no Brasil.

Tudo está estragado, fóra dos eixos, perdido, irremediavelmente perdido.

Unicamente a Európa, os Estados Unidos da Ame-

rica do Norte e o Japão, pódem merecer o nome de cultos e civilisados.

Alguns, menos pessimistas, acreditam no progresso brasileiro, mas, por intermédio sómente, da transplantação entre nós do estrangeirismo.

Divisam tudo atravéz de oculos pretos.

Descendem em linha récta do piloto Americo Vesputio, que foi o primeiro orgão de descrédito do Brasil, (na phrase de J. Ribeiro) quando affirmou que «o nosso paiz muito pouco valia, *pela sua mesquinhez*, nem merecendo a honra de ser colonizado por gente boa».

E passa a formular a therapeutica ás duas mazéllas, que classifica no grupo das psychoses:

«Aos apóstolos do primeiro grupo, citarei, diz elle, o adagio francez:— «*Qui trop embrasse mal étreint*». Lembrem-se das vicissitudes de Tartarin de Tarascon, o conhecido heróe de A. Daudet.

Esse typo não é phantastico, irrisório, excepcional; é um symbolo tangivel, sério, universalizado.

Posto que represente o francez meridional, reflectido caricaturalmente, póde ser encontrado a cada passo em todos os paizes».

«Aos apóstolos do segundo, grupo, muito irritavel e irritante, recommendarei que, todas as manhãs, rézem a seguinte oração:

«Não devemos ser espiritos rabujentos, que procuram deprimir o seu tempo e o seu paiz. Não devemos enfraquecer a nossa patria no mundo, considerando-a peiór e menór do que na realidade é. Não devemos rebaixar a nossa época, porquanto é desanimar as almas e jamais temos o direito de desanimar-as. Não devemos enganar compatricios e estrangeiros.»

O que devemos é dizer sempre a verdade. («Thiers. — *Discours parlementaires*: vol. VIII, pags. 597—606).

Conclúe o capitulo, attribuindo ao *desconhecimento de nós mesmos*, a causa de tantos males, de pleno accôrdo com Sylvio Roméro; e estygmatisa, do nosso ensino, os reformadores improvisados que, creando o Império do dilettantismo pedagógico, fazem lembrar a fábula de Lichtwer, onde um presumçoso macaco anda ás vóltas com o concerto de um relógio...

PETHION—NO LAR

Pelo que havia de doçura na organização moral de Pethion, para gôzo dos extranhos que delle se acercassem, está-se a presentir a infinita harmonia que, ao severo solar de S. Pedro Velho deveria transfundir a sua alma de eleito, — toda caudura e gentilezas.

Destas virtudes guardo immorredoiira impressão, tocado que por ellas fui, á minha primeira visita ao anniversariante de 1902, rendendo-me, desde então ás suas maneiras fidalgas, e cuja vulgaridade ao meio feliz em que me achava, déra-me para lógo, a noção de um attributo não individual, mas de familia, lógico effeito, que o éra, de um consórcio de qualidades aprimoradas que, tempos idos, haviam sellado no mesmo tronco respeitavel as linhagens: Lacerda e Moniz de Aragão.

Em mais de cinco lustros de estreita e fiél amizade, com a qual me tem honrado os membros todos de tão selécta estirpe, chego a affirmar, ante a insistencia dos seus habitos distinctos, — ser a nobreza, — funcção mais do temperamento do que fructo da educação naquélla gente, e a comprehender Diderot no

asserto de que a civilidade é de facil aprendizagem, o mesmo não acontecendo com a polidez, predicado inassimilavel sem o coefficiente de uma disposição natural, a que a instrucção apenas aperfeiçoa.

A flôr da polidez encontra alli o clima que o *edel-weiss* desfructa das regiões alpinas, nascendo sem esforço e desdobrando-se em candidas e mysticas coróllas para a ventura dos que são admittidos á intimidade daquelle lar abençoado.

E que lindo espécimen estâmos a lamentar a perda em Pethion,—elle que era a mesma polidez, á Saint-Évrémond, isto é, «um conjuncto de discreção, de civilidade, de complacencia e de circumspecção, acompanhado de um ar agradável sobre tudo o que se diz e o que se faz!...

O arminho daquella alma de santo vi dynamisada em quatro gerações que chóram agóra e sempre o somno que elle dórme:—aos vélhos Paes, como poucos—soube amar; á Esposa,—idolstrar, aos filhos e nétinhos,—adorar, aos irmãos,—extremecer e ainda, no seu grande affécto,—a nós outros acolher,—amigos e discipulos seus.

As emoções do seu amôr filial vasam-se nestes lindos vérsos, recitados ao transcorrer das áureas bodas paternas:

Á MEUS PAES

Pelas suas «Bodas de OURO»

I

Balbuciando a ritual resposta,
Do altar em frente ás luzes gloriósas,
Ao noivo altivo tremula se encósta
A noiva, envólta em sêdas perfumosas.

Depois, vencendo o Fado que os arrôsta,
As mãos entrelaçando carinhôsas
Subindo vão da Honra a longa encosta,
Por entre espinhos e por entre rosas.

E até hoje chegaram, passo a passo,
Juntos cantando do Trabalho os hymnos,
Marchando ao mesmo triumphal compasso...

Felizes dos que assim, de frente erguida,
Sem culpa e sem temôr, quasi divinos
Galgam sorrindo os pincaros da Vida !...

II

Passa um anno, outro anno; e as primavéras,
Como de pombas um volúvel bando,
Vão fugindo uma a uma, azas rufando,
Para a patria encantada das chiméras.

E chega o Outomno, célere devéras,
Nublando os céos, os bogarys murchando...
Iá vem o Inverno... e o coração chorando
Respira o aroma das passadas éras.

E alva nos caé das illusões perdidas
A cinza que os cabellos nos empôa,
Ao embate das mágoas e das lidas.

Mas, um consôlo résta, appetecido,
que dentro d'alma uma alleluia entôa:
A Paz celéste do dever cumprido.

24—VI—1919.

— Bem razão tinha o nosso bom amigo em tão grande amôr dedicar á própria vida:— viveu, por isso, duas vezes e, em parte, ainda revive na illustre dama que guarda no seu nome o remanescente da mais pura affeição conjugal.

D. Maria Eliza Valente Moniz de Aragão, senhóra de raras e acrysoladas virtudes, soube, de facto, integrar-se á existencia do consórtio, a quem sempre felicitou, equiparadas no ideal suas almas privilegiadas.

Não sei de maior suavidade, nem de mais artistico enleio do que aquelle produzido pela insigne pianista, em desabafo á sua apaixonada vocação pela divina arte de Chopin!... Pethion era tambem o confidente do piano em alguns dos seus segredos e, muitas vezes, ao rythmo conjugado dos corações, vibrantes de emoção esthética,—vi-os juntos, partir, mundo em fóra da phantasia, embevecendo a quantos, ouvindo a eloquencia dos teclados, alli estivessem a julgar da indigencia vocabular na expressão dos sentimentos... E, assim, dialogavam, horas esquecidas, sem pronunciar palavra, em phrases musicas...

—Com esse enleio, mercê do qual se restaurava, em haustos da mais pulchra arte, das arduas luctas do dia, incompatibilisava-se Pethion ao mais léve incidente na saúde dos filhos. Acompanhava-o a esposa. Uma febrícula ou ligeira indisposição organica em qualquér delles, tinha prompta repercussão na alma do venturoso par,—espécie de harpa eólia, cujas vibrações mudavam, súbito, o diapásão do gôzo pelo obsidente registo das apprehensões e dos pezares, até que os remédios e os resguardos, as préces e os cuidados, lhes restituíssem a confiança facilmente abalada ante a mais longinqua ameaça áquellas vidas em flôr.

Para os grandes transe, falliam-se-lhes, então as resistencias. Delles, lembro-me bem que, uma feita, adoecido gravemente tenro filhinho, acompanhavam de outro aposento as horas criticas do mal, sem coragem de fitar nos próprios,—os ólhinhos macilentos do rebento desfigurado.

A poucos metros dali, duas creaturas afflictas postavam-se como sombras, á entrada do quarto, contendo com os passos a respiração e as lágrimas, bebendo aos sôrvos da soffreguidão os minimos detalhes da occurrencia mórbida:—eram Pethion e Maria Eliza. Conjurada a crise, quasi miraculosamente, o filho volveram a beijar, — não se sabe ao certo se lhes restituído pela sciencia ou pelo amôr, — o divino amôr que, alli, junto á pórtá, momentos antes, e na presumível attitude do mais completo anniquilamento, fazia, vigoroso, perante Deus, o bloqueio da mórte...

De outra feita, foi pelo trespasse do seu nóbre Pae, meu respeitavel amigo Dr. Francisco Moniz Barreto de Aragão. Coube-me a piedósa taréfa de dispôr do amigo o coração sensível a acceitar como consumado o derradeiro alento que a sublimidade do amôr filial lhe não déra forças para assistir. Sua alma torturada não tardou em perceber minha intenção, que pude vêr em cheio reflectida no seu olhar atilado, á minha simples presença. O silencio em que me escutou a palavra do confôrto só se fez interromper pela confissão do grande allivio experimentado, desde que sabia o idolatrado pae livre das garras trucidantes da agonia.

Nenhum gésto ou palavra manifestou, então, capaz de trahir, de relance, uuma intima revólta. Assim, na própria agonia, tres annos depois, a 18 de Novembro de 1924, quando a paciencia, tangendo as raias da bravúra, dava contas á mórte do seu longo tirocinio pela maldade dos homens. Elle tambem os teve, os seus algozes, oppondo sempre, porém, aos gólpes da injustiça a compassiva attitude de sua grande alma, da qual, diriamos com La Bruyére, que só não era invulneravel, porque soffria pela compaixão.

Outros e intimos episódios poderiam vir aqui depôr

pela tempera peregrina daquelle coração de apóstolo, a prolongar-se na compleição moral de uma próle que, fiél aos dictames da herença e da educação, haverá, estou céрто, de bendizer, através das gerações, ao tronco maravilhoso que, germinando uma *Evangelina*, —fôrças teve ainda para ostentar a sua angélica fertilidade,—florescendo em *Annita*...

—Nada accrescentarei, entretanto. Os bons exemplos que Pethion semeou prenunciam farta e compen-sadora colheita. Delle, apenas direi o que pensou Smiles, ao formular desta sentença: —«*quem quér que tenha deixado atraz de si a memória de uma nóbre vida, aos pósteros tem legado uma fonte de bem inex-gottavel*».

Amigos meus da Sociedade Academica Alfredo Britto:

Estou que me havereis de excusar da extensão da caminhada. O meu compromisso é que não estaria saldado para convôsko, se eu não viésse para aqui louvar a feliz idéa vóssa de, revivendo toda éssa congregação de além-túmulo, qual o estaes fazendo, focalisardes para a actual geração os traços todos psychologicos que nos legaram os grandes Méstres, dignos de imitação.

A obra é reacção da vóssa idade, entendida a juventude como «a levedura moral dos póvos»...

Percebo quanto a idéa da mórte ha de crispar o lago azul dos vóssos espiritos, numa quadra em que as suas aguas tranquillas só reflectem almos idéaes tripulados de sonhos e chiméras.

Precisaeas, pois, derivar o amargôr dos accidentes tristes para homenagens como esta, que trazem a illusão da vida, pela resurreição da pessoa amada, segundo o ritual sagrado que, desde a idade paleolítica, a tem invocado na pedra, na peregrinação e no culto. (Victor Mercante) Outra não é a função dos mármores nos cemiterios, ao bradar pela palavra forte da arte sobre o túmulo de Quirolo:

«Fulminata é la morte; eterno impera il regno de la vita».

—Bravo, meus amigos; continueae na vóssa piedósa romaria pelas campas daquelles que, pelos seus altos feitos, soubéram ser dignos de vós.

Não será a primeira nem a ultima vez que «a destruição terá encontrado no coração o primeiro obstáculo na marcha para o Nada»...

ANTI-ANEMICO — ANTI-NERVOZO

GRAGEAS
do Dr
HECQUET

Inscrito na Academia de Medicina de Paris
de Sesqui-Bromureto de Ferro.

O melhor medicamento ferruginoso, contra:
ANEMIA, CHLOROSE,
NERVOSIDADE, CONSUMPÇÃO.

O unico que reconstitue o sangue, calma os nervos e nunca occasiona prisão de ventre.
POZE : 2 a 3 grageas a cada refeição.

ELIXIR e XAROPE do Dr HECQUET
de Sesqui-Bromureto de Ferro.
Deposito : Paris, Montagu, 49, B^e de Port-Royal,
E EM TODAS AS PHARMACIAS

EMPHYSEMA
DYSPNEA

BRONCHITES
ASTHMA

JODEINE MONTAGU

PILULAS
XAROPE
AMPULLAS
de Bi-Iodureto de Codeina

ANTIDYSPNEICO
CALMANTE DA TOSSE
EXPECTORANTE

MONTAGU, Ph^{co}, 49, Boulevard de Port-Royal,
em todas as Pharmacias.

XAROPE : 2 a 3 colheres, das de sopa, puro, por dia.
PILULAS : 4 a 8 pilulas por dia.

LIVROS NOVOS

Problèmes Sous-Hépatiques—por G. PARTURIER.—1 vol.
in—16, com 272 paginas, Frs. — 32—Libr. Octave
DOIN—Gaston DOIN & Cie. — Editores. 8—Place de
L'Odéon—Paris.

Em numero de tres, são os problemas estudados pelo
A. neste livro:—o anatomico, o doloroso e o tumoral.

A *anatomia viva*, a unica encarada aqui, faz conhecer a fórma verdadeira, em abóboda, do fígado,—a orientação da face chamada inferior ou visceral que, na posição vertical do individuo, olha sobretudo para traz:—orientação que varia com as mudanças de attitude do conjuncto do corpo. A vesícula biliar applicada a esta face visceral espósa sua orientação e orienta seu grande eixo no plano vertical. Sua sombra se alonga, a mór parte das vezes, verticalmente, parallélamente ao rachis. Importava, porém, mais ainda, prever-se pelas mudanças de posição impósta ao doente, as facilidades maiores de exploração da região sub-hepática; saber-se, por exemplo, dos tres orgams que, em posição de pé ou deitada, podem se achar ligados:—vesícula biliar, duodeno, appendice, que elles vão ser dissociados e offerecidos isoladamente ao exame, si se collóca o doente em posição invertida (de Trendelenburg).

Estas noções ajudarão poderosamente a especificar a origem da *dôr sub-hepática*,—o segundo dos problemas versados.

A cólica hepática, que é a mais typica destas dôres, comporta varias fórmas já reconhecidas pelos clássicos, e que

o A. não tem feito senão precisar:—fôrma mecânica, com rejeição de calculos, reacção brutal de um organismo são a um traumatismo interno. Nada se oppõe a que se a trate como se trata a dôr num individuo normal, por uma injeccção de morphina,—a fôrma infectuôsa, acalmada pela antipyrina e pelo ópio, que se dará em lavagem por causa do estado nauseoso e dos vômitos fáceis,—a fôrma colloïdoclásica, ligada a um choque, em individuos de systema nervoso vegetativo instavel e funcções endócrinas perturbadas. Aqui, todo o organismo é de alguma sôrte siderado, a morphina e mesmo o ópio total devem ser afastados,—preferindo-se uma therapeutica local: —injecções locaes de cocaina, etc.

As pesquisas de laboratório (tubagem duodenal, radiologia, etc.) serão applicaveis sobretudo nas syndromes dolorôsas chronicas e prestarão os maiôres serviços nos *Tumôres sub-hepáticos*, terceiro problema alvejado.

Quér se tratem de phenomenos dolorôsos chronicos puros ou de um tumôr sub-hepático, prescrever-se-ha primeiro o repouso, um regimen adequado, uma drenagem duodenal attenta, uma therapeutica calmante ou derivativa, segundo os casos. Em caso de insuccêsso, decidir-se-ha a intervençào cirurgica, baseada sobre a persistencia de uma ictericia, dôres, emmagrecimento, fébre, crescimento do tumôr.

Manuel de Clinique Chirurgicale Journalière—Examens cliniques—Indications thérapeutiques. Por Henri LORIN—Antigo Professor na Faculdade de Medicina de Paris. 1 vol. in—8.º, com 670 paginas, com 221 figuras no texto *Frs.—115*. Libr. Octave DOIN de Gaston DOIN & Cie.—8—Place de L'Odéon—Paris.

Este manual, essencialmente pratico, apresenta a clinica cirurgica sob uma fôrma absolutamente moderna, que

rômpe com a tradição. Elle tem por fim poupar o trabalho e o tempo aos leitores que quèrem, seja iniciar, seja aprofundar ou ter em dia os seus conhecimentos.

É um guia seguro e complêto; ao mesmo tempo,—claro e conciso. Focalisa as idéas geraes que dirigem o exame clínico. O A. tórna—as *vivas*, descrevendo ao mesmo tempo os casos particulares que as *illustram*.

Uma triagem indispensavel dos *symptomas* é realisada. São pôstos em mira aquelles que têm um valôr *pathognomônico*. Assim, este manual é levado a estabelecer a significação *biológica*, e, o que não é menos importante, o valôr *prognóstico* dos *symptomas*.

O leitor achará *descriptos* os *signaes de começo*, aquelles que, de *acquisição recente*, são muito importantes, enfim, os *symptomas raros*, mas *significativos*.

Não se pôde mais dissociar *clínica e tratamento*. O instituir das indicações *therapeuticas* guia a *clínica cirurgica*. Assim, este livro estuda *minuciosamente* todos os ensinamentos que o exame clínico deve fornecer para este fim.

Numa larga medida, este manual *ensina a pathologia externa*. Os capitulos são precedidos de um pouco de *anatomia pathológica* e de *pathogenia*.

Uma *illustração*, completamente *renovada*, pessoal ao A., é *demonstrativa e viva*. «Os *eschemas*, escreve o Dr. Lorin, *móstram* sobre um só *desenho* o *maximo* de *symptomas*. Elles *tórnam* artificialmente *sensíveis* aos *olhos* os *signaes* que a *exploração* *revêla* no *organismo*. *Conservam*, ao *mesmo* tempo, a *impressão* do *relêvo*, *planos* e *profundeza*. *Reúnem* numa *mesma* *estampa* todos os *termos* de uma *affecção*. *Permittem* *confrontar*, de um só *gólpe* de *vista*, *clínica*, *anatomia pathológica*, *radiologia*. Cada uma das 221 *figuras*, *acompanhada* de um *texto explicativo*, é *quasi sempre* *constituída* de 3 ou 4 *desenhos juxtapostos* que *móstram* a *história* de uma *doença*».

Tornar visíveis os symptomas, é uma tentativa indispensavel. O exercíci da *cirurgia* conduz a *transformar* em

sensações visuaes todos os dados fornecidos pelo exame do doente.

Um gólpe de vista permite comprehender os signaes em apparencia os mais áridos.

Este manual, que chega em sua hora, é qualificado para consquistar a sympathia do leitôr. Elle fará época na história do ensino da cirurgia.

BIOPHORINE
GIRARD

KOLA GLYCERO-PHOSPHATADA

NEVROSIS, ANEMIA CEREBRAL, VERTIGEM

A. GIRARD, 40, Rue d'Alésia, PARIS (FRANCE)

Depositario: FERREIRA, 165, Rua dos Andradas, RIO de JANEIRO